Ano XVIII - 2009 * NÚMERO 102

DYNAMITE

Rock Way of Life 17 anos! - www.dynamite.com.br

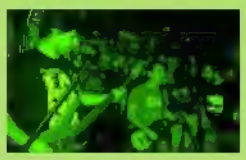
ISSN 1415 - 2460

RETROSPECTIVA 2008

E MAIS:
ERVAS DANINHAS
FÁBIO JHÁSKO
DROOGS ORGANIZATION
SLOT + SUPERCORDAS
COXINHA * VATOS

Rock BraSileiro .Com

DEZEMBRO 2008/JANEIRO 2009

15 Ervas Daninhas


22 Fábio Jhásko

16 Slot

24 Supercordas

18 Droogs Organization

26 Coxinha

20 Vatos

DYNAMITE

03 Editorial + Índice
04 News
07 Shows
12 Fora do Eixo
14 Play
29 Ears Up
32 Jukebox + Expediente

EDITORIAL

Como antecipei em meu último editorial, apesar de 2008 ter sido um ano bem difícil, 2009 prometia.

E realmente começamos 2009 realmente com o pé direito. Logo de cara tivermos a cerimônia de entrega do Prêmio Dynamite no dia 14 de janeiro na Assembléia Legislativa de São Paulo. Depois, programamos shows de música, teatro e performances de DJs no aniversário de São Paulo, entre os dias 24 e 25 de janeiro, no Vale do Anhangabau.

Também estaremos neste primeiro trimestre com 3 projetos que foram agraciados no Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Um deles voltado pro rock, Arquivo do Rock - Tour Interior de São Paulo 2009 e dois de hip hop: "Abdusom Hip Hop – Técnica de Produção e Mixagem para Djs" e "A Original Dança de Rua – Tour Interior de São Paulo 2009". Ou seja, na área, a nossa ONG Dynamite está indo de vento em popa. Maiores informações, acesse http://www.dynamite.org.br.

E na parte editorial, mais novidades devem vir por aí. Nosso portal entrará em reforma total no segundo semestre, assumindo uma postura mais colaborativa e interativa com os internautas. E a nossa revista, que virou somente online em 2008, mudará seu formato para se adaptar melhor à tela dos computadores e virá com outra reforma editorial, visando justamente aproveitar o momento de transformações que não só a Dynamite, mas todo o mundo musical está passando. Outra boa notícia é a volta da nossa revista irmã, depois de uma década - a ON&OFF - mais voltada para os músicos, e também totalmente online e disponibilizada gratuitamente.

É isso aí! Abraços pra todo mundo daqui da redação!

André "Pomba" Cagni
Editor

RETROSPECTIVA 2008 by Bruno Palma Fernandes (Fotos: Divulgação)

Roger Waters, veio ao Brasil no começo do ano para acompanhar a montagem de "Ça Ira", ópera composta pelo músico. Roger fez questão de visitar Manaus para acompanhar os ensaios da peça de três atos inspirada na Revolução Francesa.

Ao invés de escalar uma substituta para a vocalista Marina Ribatski, que deixou o grupo no final do ano passado, o **Bonde do Rolê** selecionou duas. O Bonde, em parceria com a MTV Brasil, fez um reality show para escolher uma nova voz, e as vencedoras foram Laura Taylor e Ana Bernardino.

O produtor chinês **Phoenix Cry** convocou artistas ao redor do mundo para gravar uma música para as olimpíadas de Pequim, tendo a paz como tema central. Participaram músicos do Canadá, Israel, Costa Rica, Chile, Senegal, Hungria, Estados Unidos, Bósnia-Herzegovina, Austrália, Japão, além do próprio produtor, que representa a sede dos jogos. Do Brasil, foram selecionados as bandas DeCore, de hardcore, e RPW, de rap.

O **Pavement**, banda indie que encerrou atividades em 1999, anunciou planos para uma reunião. A banda pretende fazer um show especial no próximo ano na festa de 20 anos de criação da gravadora independente Matador.

A banda indie catarinense **Pipodélica** resolveu pendurar as chuteiras. Os músicos tomaram essa decisão devido à divergência de interesses.

O cantor e compositor australiano **Nick Cave** conseguiu um certificado honorário de phd em Belas Artes, curso que ele abandonou no final dos anos 70 para se dedicar à carreira musical.

Reunido desde 2006, o **Smashing Pumpkins** lançou, no ano passado, um novo álbum de inéditas, intitulado "Zeitgeist". A banda, tendo como únicos integrantes originais o vocalista e guitarrista Billy Corgan e o baterista Jimmy Chamberlin, começou a gravar novas músicas. De acordo com Jimmy, contudo, o Smashing Pumpkins não deve mais lançar álbuns. Segundo Jimmy, a banda tem a intenção de lançar músicas aleatoriamente.

Al Jardine e Mike Love, que fizeram parte do **Beach Boys**, entraram numa disputa pelo uso do nome da banda. Ambos estavam se apresentando sob o nome Beach Boys, até que Mike resolveu que era o único que tinha o direito de usar o nome e decidiu abrir um processo contra Al no valor de três milhões de dólares.

Charlie Benante, baterista da banda nova-iorquina de thrash metal **Anthrax**, lançou sua própria marca de café. O músico lançou sua marca pela Legends Cup Coffee, mesma companhia que lançou a marca de café de Dave Mustaine, líder do Megadeth.

Quem poderia imaginar que Kelley Deal, guitarrista da banda indie norte-americana **Breeders** que teve problemas sérios com drogas nos últimos anos, teria um passatempo tão inocente como o tricô? Pois é. Kelley tem o hábito de tricotar bolsas enquanto está em turnê. E tem mais: a guitarrista anunciou o lançamento de um livro sobre seu hobby, intitulado "Bags That Rock: Knitting On The Road With Kelley Deal".

Surgiu uma fita na qual um homem, que pode ser o guitarrista **Jimi Hendrix**, aparece fazendo sexo com duas mulheres. O filme, intitulado "Jimi Hendrix – The Sex Tape", contará com 11 minutos de sexo e pouco mais de 40 minutos de uma retrospectiva da carreira do guitarrista. Pessoas que conheceram Hendrix dividem opiniões a respeito da veracidade do material. Alguns acreditam que é o músico na fita. Outros negam, alegando algumas diferenças físicas e a conhecida timidez de Hendrix.

Phil Collins anunciou que está se aposentando de vez, e que não tem planos para fazer mais discos ou apresentações ao vivo. A única coisa que o músico, que está com 57 anos de idade, deve continuar fazendo é trabalhar em composições.

Faleceu aos 58 anos de idade Danny Federici, que tocava teclado e órgão na **E Street Band**, banda de apoio de Bruce Springsteen. Danny passou os últimos três anos lutando contra um melanoma, mas não resistiu à doença.

O cantor e compositor **Bob Dylan** terminou de escrever um novo livro. Esse novo trabalho, chamado "Forever Young", é o primeiro do artista voltado ao público infantil. O lançamento de "Forever Young" está marcado para o dia 06 de outubro.

Ira Trevisan decidiu deixar o posto de baixista da banda paulistana de electro rock **CSS**. A baixista tomou essa decisão para poder se dedicar à moda e outros projetos. O baterista Adriano Cintra assume o lugar de Ira e a banda passa a tocar com um baterista contratado ao vivo.

Keith Richards, guitarrista do **Rolling Stones**, acredita que está vivo até hoje devido a uma grande tolerância a substâncias tóxicas. O músico, que está com 64 anos de idade, afirma que médicos do mundo todo querem estudar seu corpo quando ele morrer para encontrar uma maneira de melhorar a saúde das pessoas.

Após mais de um ano de polêmica, **Madonna** conseguiu se tornar oficialmente mãe de David Banda, criança de Malawi, na África, que vinha tentando adotar. A decisão foi tomada numa audiência realizada em Lilongwe, capital do país. O processo de adoção gerou controvérsia quando diversos grupos acusaram Madonna de utilizar sua fama como influência, já que as adoções internacionais não são aceitas pelas leis de Malawi.

A biografia cinematográfica de Bob Marley seria dirigida por **Martin Scorsese**, que fez o documentário "Shine A Light", do Rolling Stones, e ganhou em 2007 um Oscar pelo filme "Os Infiltrados". Seria dirigida, porque não será mais. Scorsese alegou problemas de agenda e pulou fora do projeto. Mas a cinebiografia seguirá em frente, com Jonathan Demme na direção.

O vocalista Anthony Kiedis declarou que a última turnê do **Red Hot Chili Peppers** deixou os integrantes do quarteto desgastados. De acordo com Anthony, a banda decidiu em comum acordo tirar umas férias e não deve fazer nada por pelo menos um ano. Apesar disso, o frontman da banda californiana não descartou a possibilidade de compor alguma coisa para o Red Hot nesse tempo.

Marilyn Manson deu início às filmagens de "Phantasmagoria: The Visions Of Lewis Carroll", seu primeiro trabalho como diretor de cinema. No filme, o cantor deve interpretar Lewis Carroll, autor do clássico "Alice no País nas Maravilhas". Ainda não existe previsão para o lançamento desse projeto.

Scott Weiland, vocalista do reunido Stone Temple Pilots e ex-Velvet Revolver, havia sido condenado a cumprir 192 horas atrás das grades por ter dirigido embriagado no final do ano passado. O músico foi cumprir sua pena no dia 12 de maio, mas foi liberado no mesmo dia, após ter passado apenas seis horas encarcerado.

O guitarrista **Wander Taffo**, que completaria 54 anos de idade no dia 17 de maio, faleceu em sua residência na manhã do dia 14 de maio, vítima de uma parada cardiorrespiratória.

Uma nova espécie de aranha foi descoberta no ano passado por um biólogo chamado Jason Bond em Jefferson County, Alabama, nos Estados Unidos. A tal aranha recebeu o nome Myrmekiaphila neilyoungi, uma homenagem de Jason a **Neil Young**, seu artista favorito.

Jimmy Page, guitarrista da banda inglesa **Led Zeppelin**, recebeu um título honorário de doutor. O título foi dado a Page pela Universidade de Surrey em reconhecimento a seus serviços prestados à música.

O vocalista **David Lee Roth**, que finalmente se reuniu com o Van Halen, gravou uma música com o guitarrista Jeff Falkowski, chamada "Take Sarava". A letra dessa música é em português, mas David canta com muito sotaque, o que torna difícil a compreensão de alguns trechos.

Um adolescente de 16 anos foi preso na Austrália, acusado de blasfêmia. O garoto se encrencou por estar usando uma camiseta da banda inglesa de black metal **Cradle Of Filth** que trazia estampados os seguintes dizeres: "Jesus is a cunt", o que seria "Jesus é uma boceta", se traduzido ao pé da letra.

Toni Garrido anunciou sua decisão de deixar a banda carioca de reggae pop **Cidade Negra** para se dedicar a uma carreira solo, na qual é acompanhado pela banda Flecha Black. O Cidade Negra continua, tendo agora o mineiro Alexandre Massau no vocal.

De acordo com Gene Simmons, baixista da banda de hard rock **Kiss**, a indústria fonográfica está morta e a culpa disso é dos fãs que fazem downloads ilegais e trocam arquivos através da internet. O Kiss decidiu se rebelar contra esses infratores, que de acordo com pesquisas recentes representam quase 100% do público consumidor de música. Segundo Gene, a banda não grava mais nada até que as pessoas parem de fazer downloads ilegais.

A banda punk paulistana **Ordinária Hit** participou de uma coletânea chamada "0 To 60 In 59 Bands". Trata-se de uma compilação de músicas de até um minuto de duração de 59 bandas vindas de toda a parte do mundo. O Ordinária aparece nessa coletânea com uma versão da música "Mal Jeito".

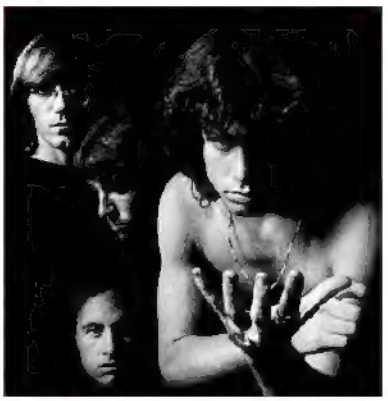
George Michael resolveu parar de fazer turnês. Seus últimos shows, em sua cidade-natal Londres, nos dias 24 e 25 de agosto, foram filmados para um lançamento em DVD.

As cinzas de Kurt Cobain, que cantou e tocou guitarra à frente do **Nirvana**, principal nome do chamado grunge, foram roubadas da casa de Courtney Love, com quem ele foi casado.

O show que a banda indie inglesa **Bloc Party** fez em Los Angeles no dia 29 de julho foi marcado por um momento de romance. Quase no fim da apresentação da banda, o vocalista e guitarrista Kele Okereke chamou ao palco um homem, chamado Patrick. O sujeito subiu ao palco e pediu a mão de sua namorada em casamento, para todo mundo ver. Felizmente, ela disse sim. A banda, na seqüência, homenageou os pombinhos tocando "This Modern Love".

Em 2007, um homem se faz passar por Rikki Rockett, baterista do **Poison**, e, como se não bastasse, ainda estuprou uma mulher. Em março, o músico foi acusado formalmente de ter cometido o estupro, ocorrido no Mississippi. A mulher, contudo, foi violentada em setembro de 2007, quando Rikki estava na Califórnia.

A lápide do túmulo de Ian Curtis, vocalista do **Joy Division** que cometeu suicídio em 1980, foi levada do cemitério de Macclesfield, na Inglaterra.



O baterista John Densmore e parentes do falecido vocalista Jim Morrison, integrantes originais do **The Doors**, entraram com um processo contra o guitarrista Robby krieger e o tecladista Ray Manzarek por terem feito em 2003 uma turnê com o vocalista Ian Astbury, do The Cult, usando o nome The Doors. A justiça decidiu que Robby e Ray deverão parar de usar o nome The Doors e pagar mais de três milhões de dólares em multa para John e para a família de Jim, e mais dois milhões em custos judiciais.

O baterista DH Peligro e o baixista Klaus Flouride, integrantes da banda de hardcore californiana **Dead Kennedys**, estão ambos sofrendo com problemas de saúde. Devido a essa situação, o quarteto ficará afastado dos palcos por tempo indeterminado.

Gary Glitter deixou a prisão no Vietnã, onde cumpriu três anos de pena por ter cometido obscenidades com duas pré-adolescentes locais. Após ter sido deportado do país asiático e se recusar a voltar ao Reino Unido, sua terra-natal, o artista tentou conseguir permissão de permanência em outros países do continente, sem sucesso. Segundo informações, Gary teve entrada proibida em 19 países, no total. O cantor não teve saída, senão voltar a seu país de origem, onde teve que assinar um registro de molestadores sexuais.

Em 2006, Johnny Marr, que tocou guitarra na banda inglesa **The Smiths**, resolveu entrar para o Modest Mouse, banda norte-americana de rock alternativo. Agora, Johnny anunciou que é integrante oficial do The Cribs, banda de sua terra-natal. Johnny

já havia gravado colaborações com a banda, mas agora também participará das apresentações ao vivo.

Desde que Scott Weiland deixou o posto de vocalista da banda de hard rock **Velvet Revolver** surgiram vários rumores a respeito de um possível substituto. Os mais fortes apontavam Sebastian Bach (ex-Skid Row), Chris Cornell (ex-Soundgarden e Audioslave), Chester Bennington (Linkin Park) e o menos famoso Royston Langdon (Spacehog).

A banda **Zebra Zebra**, vencedora do Demofest Estudantil 2007 (festival organizado pela Dynamite), foi uma das grandes premiadas no Curta Santos, o quarto maior festival de cinema em público do País. O Zebra Zebra ganhou nas categorias Melhor Videoclipe, por "Sobre Mulheres e Flores", e Escolha da Audiência, com 14.780 votos. O clipe "Sobre Mulheres e Flores", produzido pela Gasolina Filmes, foi parte do prêmio que a banda recebeu quando venceu o Demofest Estudantil.

Nos últimos anos, o vocalista Fred Durst esteve se dedicando à direção de filmes. Com isso e com mais uma saída do guitarrista do Wes Borland, a banda de nu metal **Limp Bizkit** ficou parada esse tempo todo. Agora a banda está de volta.

Travis Barker, que tocou bateria no **Blink 182** e no Transplants e atualmente toca no +44, se feriu gravemente num acidente aéreo na Carolina do Sul no dia 20 de setembro. O jatinho no qual o músico estava tentou decolar, mas acabou derrapando na pista e batendo na estrada. Estavam a bordo do jatinho seis pessoas. Apenas Travis e um outro homem sobreviveram. Travis Barker passou algum tempo hospitalizado tratando de queimaduras, mas já está recuperado e até voltou a tocar.

O vocalista e guitarrista Dave Grohl anunciou que o **Foo Fighters** ficará parado por um bom tempo. Dave foi além, e disse ainda que os fãs não devem esperar por um novo álbum.

Faleceu no dia 15 de setembro Rick Wright, que tocou teclado no **Pink Floyd**. O músico, que estava com 65 anos de idade, foi vítima de câncer.

Tom Gabriel Fisher anunciou sua saída da banda suíça de metal extremo **Celtic Frost** para montar um outro projeto, chamado Triptykon. A saída do frontman deixou o futuro do Celtic incerto. A banda, por fim, resolveu anunciar seu término oficialmente.

Após a saída de Nasi da banda paulistana de rock **Ira!**, no ano passado, o pai do vocalista entrou na justiça com um pedido para a interdição do mesmo, questionando a capacidade de seu filho em exercer sua cidadania. Com base em interrogatórios e laudo pericial, a justiça julgou o pedido improcedente.

O quarteto californiano de rock alternativo **Weezer** bateu alguns recordes durante a gravação de seu clipe mais recente, "Troublemaker", faixa de "Red Album", disco que a banda lançou em junho desse ano. A banda quebrou os recordes mundiais de maior jogo de queimada, maior quantidade de pessoas numa guerra de tortas, maior quantidade de pessoas andando em um único skate, maior conjunto de pessoas fazendo air guitar e maior maratona mundial de Guitar Hero.

O guitarrista **Carlos Santana** revelou que se aposentará em seis anos. Santana já até sabe o que fará depois de abandonar sua guitarra. O músico revelou que abrirá uma igreja no Havaí.

Após uma apresentação num festival no Rio Grande do Sul, Herr Amoth, vocalista da banda de black metal **Symphony Draconis**, foi atacado por um estranho, que o esfaqueou. Amoth foi socorrido e hospitalizado às pressas. Segundo os médicos, o vocalista escapou da morte por pouco. O ocorrido deixou a banda parada por alguns meses, para que Amoth pudesse se recuperar. O vocalista já se encontra bem e a banda já retomou suas atividades normalmente.

Richey Edwards, guitarrista que ajudou a formar a banda indie galesa **Manic Street Preachers** nos anos oitenta, foi declarado legalmente morto. O músico e compositor foi visto pela última vez em fevereiro de 1995. Agora em 2009 o Manic Street Preachers lança o álbum "Journal For Plague Lovers", contendo apenas músicas com letras escritas por Richey.

O **No Doubt** já confirmou que lançará um novo álbum esse ano. Esse próximo trabalho da banda, liderada pela cantora Gwen Stefani, será o primeiro desde "Rock Steady", que saiu em 2001. Gwen revelou que a banda californiana de ska pop também fará uma turnê em 2009.

A banda californiana de ska **Sublime** encerrou atividades em 1996, quando o vocalista e guitarrista Bradley Nowell morreu vítima de overdose aos 28 anos de idade. Circulam rumores de que os músicos remanescentes (o baixista Eric Wilson e o baterista Bud Gaugh) estão trabalhando com um novo vocalista para uma reunião esse ano.

O **Fall Out Boy** bateu o recorde de maior quantidade de entrevistas dadas por uma dupla em 24 horas. O vocalista e guitarrista Patrick Stump e o baixista Pete Wentz deram 74 entrevistas para radialistas nesse espaço de tempo, quebrando de longe o recorde anterior, que era de 57. Entre as entrevistas, que duraram entre oito e vinte minutos, os dois músicos só pararam para comer e ir ao banheiro.

Surgiram alguns rumores de que a banda carioca **Los Hermanos** estava planejando se reunir em 2009. De acordo com essas informações, o quarteto, inativo desde 2007, não apenas voltará aos palcos, como também trabalhará em seu próximo álbum, sucessor de "4", que saiu em 2005.

O vocalista Johnny Rotten já havia falado que existia a possibilidade de o **Sex Pistols** gravar um novo álbum de inéditas, sucessor de "Nevermind The

Carcass: Novamente o canto do cisne? 09/11/2008 – Santana Hall – São Paulo/SP

Texto: Rodrigo "Khall" Ramos – **Foto:** Ricardo Rizzo

Eis um show que há muito era esperado, principalmente pelos fãs da primeira metade da década de 90. Aí veio a separação em 1995 e o sonho foi para o espaço. Uma década depois, o guitarrista Mike Amott começa com seus contatos com os outros músicos da banda e aparece uma luz no final do túnel, mas logo em seguida a notícia de que a banda se separaria novamente após a tour de reunião, para alegria geral dos bangers brazucas, contudo, não sem antes passar pelo Brasil. Até arrepiou os pêlos do braço.

Datas e locais definidos, nós paulistanos felizmente ou infelizmente lamos ter a honra de presenciar seu derradeiro concerto.

Sem bandas de abertura, 'tesouradas' pela administração da banda britânica, a casa que suportaria o show já lotada, num calor insuportável e quase sem espaço para ver o palco, inicia-se o show, com base no álbum "Heartwork", e um Carcass entrosadíssimo.

O som estava redondinho e veio uma chibatada de clássicos, um atrás do outro. O quarteto tocou "Corporeal Jigsore Quandary", "Buried Dreams", "Keep On Rotting In The Free World", "Incarnate Solvent Abuse", "Carnal Forge", "No Lost Love", "This Mortal Coil" e por aí vai. E o público não parava de jeito nenhum. Também pudera, estávamos diante de uma lenda do splatter/grind/death, chame do que quiser. Carcass é Carcass e é digno da legião de fãs que se espremia frente à grade esquentando mais ainda o clima dentro do local. O batera Daniel Erlandsson não decepcionou na substituição de Ken Owen. Jeff Walker, com sua postura carismática, hipnotizava a galera. Mike Amott não parava num canto só, tocando e solando, como sempre com enorme maestria. E Bill Steer cada vez mais hippongo e serelepe também mandou bem. Os únicos pontos baixos mesmo foram o calor e por ter sido o último show do Carcass. Mas... Será mesmo?

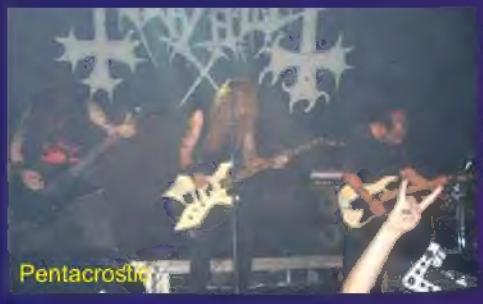
Mayhem: Terror em Sampa 25/10/2008 – Eazy Club – São Paulo/SP

Texto: Alexandre Carvalho Pereira – **Fotos:** Ricardo Rizzo

Tarde de sábado em São Paulo. Em frente a uma casa noturna na Marquês de São Vicente aglomera-se uma legião de cabeludos para saudar uma lendária banda de death metal. Mas os súditos tiveram que aguardar um pouco, precisamente três horas, tempo necessário para a apresentação das bandas que antecederam a atração principal.

O Esgaroth, que subiu ao palco pontualmente às 18h, vestidos e pintados como uma boa banda de black metal, esbanjava energia e descarregava um som pesado para o público que ainda chegava à casa.

A segunda banda a subir ao palco foi o Pentacrostic, veterano do death metal, que, apesar de também pegar a casa com pouco público, fez um show bastante expressivo, passando toda energia. E a galera ia absorvendo.



Pentacrostic

Na seqüência, deu o ar da graça o Nervochaos, que também representou bem, demonstrando toda sua fúria e peso.

O Miasthenia, penúltima banda a se apresentar no palco da casa, teve o privilégio de pegar a pista mais cheia. Com seu death cantado em português, não deixou a peteca cair e fez uma boa apresentação.

Às 21h entra em cena o Mayhem, banda norueguesa mais controversa da cena black metal. Com seu vocalista Attila Csihar num visual que transitava entre filmes de terror trash e Freddy Krueger, a banda detonou seus maiores clássicos para delírio dos blackbangers que já se acotovelavam no apertado espaço da pista. Já contando com uma pequena melhora no som, puderam mostrar por que são considerados um ícone da cena metal. Com muito carisma e uma presença de palco típica de bandas deste estilo, fomos agraciados com um turbilhão de guitarra (Morfeus), baixo (Necrobutcher) e bateria (Hellhammer). Apesar de o set ter sido curto, saímos da casa com a sensação de dever cumprido, apesar de que eu, particularmente, gostaria que meus ouvidos ficassem zumbindo por muito mais tempo.

Mayhem

VII SETEMBRO NEGRO 19/09/2008 – Hangar 110 – São Paulo/SP

Texto: Leandro Gavazzi – **Fotos:** Rodrigo "Khall" Ramos

O Setembro Negro deste ano contou com a presença da banda Khrophus, formada por Alex Pazetto (vocal e baixo), Adriano Ribeiro (guitarra) e Carlos Fernandes (bateria). Mandaram um death metal muito bem executado. A banda Amazarak também conseguiu segurar o público com seu thrash bem elaborado.

A novidade veio com os holandeses do Severe Torture e também com o Sadus, do consagrado baixista Steve Di Giorgio (Death e Testament, entre outros), além do black metal do Enthroned, que já esteve no Brasil. O Severe Torture iniciou o show com um death metal na linha do Broken Hope, tocando "Feces For Jesus", mas só depois da conhecida "Decomposing Bitch" que o show começou com maior participação da galera. Dennis (vocal), Marvin e Thijs (guitarra), Patrick (baixo) e Seth (bateria) se apresentaram mesclando clássicos com músicas do último trabalho em estúdio, "Dead From The Waits Up". "Misanthropic Carnage" e "End Of Christ" marcaram o show com uma ótima performance.

Enthroned

Logo em seguida os belgas do Enthroned vieram com um black metal muito brutal e rápido, fazendo o público despertar, dando destaque a Nornagest por causa dos solos durante a execução das músicas. O ápice do show rolou quando eles mandaram "Boundless Demonication".

Sadus

O mais esperado estava por vir. Os norte-americanos do Sadus subiram ao palco com um set que mesclava novas e antigas músicas. O melhor ficou para o final, com as memoráveis "Sadus Attack", "Through The Eyes Of Greed" e "Certain Death", que encerrou o show com chave de ouro.

Tim Festival: Klaxons mostra ser bem mais que um hype e MGMT leva psicodelia carregada de decibéis

23 e 25/10/2008 – Arena de Eventos do Ibirapuera – São Paulo/SP

Texto: Bruno Palma Fernandes - **Fotos:** Helena N.

Quem ficou a cargo da abertura da noite Novas Raves do Tim Festival foi o Neon Neon, projeto de música eletrônica do carismático Gruff Rhys, vocalista da banda indie galesa Super Furry Animals, com o produtor Boom Bip. Ao invés de fazer um show em formato duo, o Neon Neon se preocupou em fazer uma apresentação com cara de festival e trouxe a tiracolo um baterista e a cantora galesa Cate Le Bon, e ambos permaneceram o tempo todo em cima do palco.

No meio da apresentação subiu ao palco um convidado mais que especial: ninguém menos que Har Mar Superstar, ícone bizarro norte-americano, que já entrou em cena chacoalhando tudo e parecendo um cruzamento improvável entre Danny DeVito (em "Batman – O Retorno") com Olivia Newton-John (em "Xanadu"). Har Mar cantou com o Neon Neon músicas como a suingada "Sweat Shop" e a serelepe "Trick For Treat".

O Neon Neon botou todo mundo pra dançar e deu até pra esquecer que o The Gossip havia cancelado sua apresentação, que seria na mesma noite.

Não dava para saber muito bem o que esperar de uma banda como o Klaxons, um dos maiores hypes da atualidade. É comum desconfiar de toda novidade falada com tanto entusiasmo, pois em grande parte das vezes acaba sendo decepcionante na hora do vamos ver. O Klaxons subiu ao palco sem muita cerimônia e sem grandes aparatos visuais, a não ser pelo figurino dos integrantes.

O trio é formado por um baixista, um guitarrista e um tecladista, e é acompanhado por um baterista. Todos cantam. No set vieram as músicas dançantes do primeiro álbum, "Myths Of The Near Future", lançado no início do ano passado, e algumas outras que devem aparecer no próximo. Essas, aliás, sovam como um B-52's mais agressivo, mais punk.

The National

A banda inglesa agitou os presentes com cacetadas como "Atlantis To Interzone", "Gravity's Rainbow" e "Magick", tocada em ritmo desacelerado. É um bocado desanimador quando uma banda toca mais devagar ao vivo do que no disco. Mas "Magick" não foi nada comparada a "Totem On The Timeline", que veio numa versão bem pica mole.

A primeira parte do show foi encerrada com "Isle Of Her", espécie de mantra, com frases que se repetem numa melodia não menos repetitiva. Após muitos gritos, a banda retorna ao palco e o tecladista James Righton toca as notas iniciais de "It's Not Over Yet" para delírio geral. Para encerrar de vez, o Klaxons chama de volta ao palco Har Mar Superstar, que dança de um lado para o outro e dá umas reboladinhas habilidosas enquanto a banda toca a apocalíptica "Four Horsemen Of 2012".

A última noite do Tim Festival na Arena de Eventos, chamada Ponte Brooklyn, foi iniciada com a banda paulistana Cérebro Eletrônico, que fez um set curto e enfrentou alguns problemas técnicos durante sua apresentação.

Na seqüência, subiu ao palco a banda nova-iorquina The National. Embora a banda fosse boa, sua música soturna não combinava muito com o clima da noite e com o clima do Tim Festival como um todo, que teve a música dançante e festiva como foco.

Tirando essa falta de sintonia com o restante, o National fez uma apresentação musicalmente muito boa e tocou músicas excelentes como "Mistaken For Strangers", "Fake Empire" e "Mr. November", homenagem a Obama, candidato democrata à presidência dos Estados Unidos.

Para fechar a noite, mais uma atração nova-iorquina: o MGMT. A dupla veio com banda e fez um show que transitava entre o indie e o hippie, com o som altíssimo. Músicas mais animadas, como a divertida "Time To Pretend" e a sensual "Electric Feel", eram intercaladas com baladas, como "The Youth" e "Weekend Wars", num show bastante equilibrado.

MGMT

Andrew VanWyngarden e Ben Goldwasser não se comunicaram e não se conectaram muito com o público e pareciam até um pouco sem jeito durante a apresentação. Até os músicos que vieram acompanhando a dupla tinham mais carisma.

O show, curtinho, foi encerrado com o hit das pistas alternativas "Kids", fazendo todo mundo se acabar de pular.

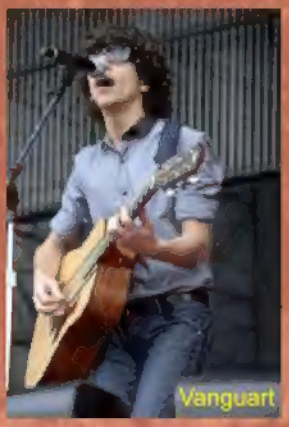
Essa foi a edição do Tim Festival que mais apostou em novidades. Felizmente, foram boas apostas. Mas nomes de mais peso fizeram falta na edição de 2008 do evento.

Planeta Terra se divide entre nomes históricos e novidades

08/11/2008 - Villa dos Galpões - São Paulo/SP

Texto: Bruno Palma Fernandes - **Fotos:** Denilson Santos

O Planeta Terra foi iniciado com as atrações nacionais Brothers Of Brazil, Vanguart, Curumin e Mallu Magalhães. O primeiro nome internacional a tocar foi a banda norte-americana de música experimental Animal Collective, que impressionou os presentes com doses cavalares de psicodelia. Mas a noite começou a decolar mesmo com a banda que viria na seqüência.


Vanguart

O Jesus And Mary Chain subiu ao palco sob uma emocionada salva de palmas e já começou mandando uma avalanche de guitarras saturadas de distorção em "Snakedriver". Logo em seguida lançaram mão do clássico "Head On", cujo refrão era entoado animadamente pela massa que acompanhava em transe o que se passava no palco principal do festival. Ao longo do show vieram mais músicas do início da carreira da banda, nos anos 80, como "Happy When It Rains", "Halfway To Crazy", "Blues From A Gun" e "Between Planets". Tocaram ainda "All Things Must Pass", música que deve aparecer no próximo trabalho de estúdio do Jesus. No finalzinho veio a inspiradíssima balada "Just Like Honey" e a sinistra "Reverence". O Jesus And Mary Chain mostrou estar em plena forma e fez uma apresentação inesquecível. Mas a noite estava apenas começando.

No Indie Stage, o Foals fazia uma apresentação cheia de energia, tocando um disco punk piradíssimo. Mesmo ainda um bocado nova e não muito conhecida por aqui, a banda inglesa teve o público em sua mão até o final do show. O quinteto, que se movimenta o tempo todo em cima do palco, botou geral pra chacoalhar ao som de músicas excelentes, como "Electric Bloom" e "Two Steps, Twice".

Enquanto isso, no Main Stage, tocava o Offspring, a banda que certamente levou mais público ao Planeta Terra. A banda valorizou mais as músicas de "Americana", álbum lançado em 1998 e que já apontava para uma direção mais pop. Mas os fãs mais antigos não foram deixados na mão e puderam conferir músicas mais antigas, como "All I Want", "Come Out And Play" e "Bad Habit". E é claro que também vieram músicas de "Rise And Fall, Rage And Grace", disco que o Offspring lançou esse ano.

De volta ao Indie Stage, quem subia ao palco era a banda texana de rock alternativo Spoon, que fez uma apresentaçãozinha bem mirrada e sem graça. Bola fora.

The Breeders

No Main Stage era a vez dos ingleses do Bloc Party. A banda abriu com a ótima "Hunting For Witches" e cada variação mínima numa linha de guitarra ou uma intervenção vocal qualquer de Kele Okereke soava como uma afirmação de que os músicos não estavam fazendo playback. Um desgosto pelo ocorrido no VMB pairava no ar e era quase palpável. Kele mesmo parece ter sentido, tanto é que entre uma e outra música chegou a pedir desculpas pelo transtorno. O problema do Bloc Party nem foi o show em si, mas a própria trajetória de sua carreira. A banda tem um disco de estréia excelente e dois outros infinitamente mais fracos. E, infelizmente, o repertório da apresentação foi focado justamente nos dois trabalhos mais recentes. No Indie tocava o Breeders. Kim Deal, a líder da banda, é uma das grandes rainhas do indie e o público a tratou como tal durante todo o show. Um dos maiores hits, "Divine Hammer", veio já bem no comecinho e foi a prova de que a maior parte dos que estavam ali presentes queria ouvir as canções do começo dos anos 90. Dessa época vieram ainda "No Aloha" e "Drivin' On 9", na qual Kelley Deal (a irmã magra) toca violino. O maior sucessor do Breeders, "Cannonball", obviamente não ficou de fora.

A atração de encerramento do festival Planeta Terra foi o Kaiser Chiefs, num show sem grandes surpresas: músicas bobinhas e uma performance cheia de micagens. Hits como "Everyday I Love You Less Ans Less", "I Predict A Riot" e "Ruby" animou os presentes que conseguiam achar alguma graça no quinteto britânico. O festival, mais uma vez organizado e pontual, merecia um encerramento de maior qualidade.

Kaiser Chiefs

Nightwish compensa pouco tempo com qualidade

07/11/2008 – Via Funchal – São Paulo/SP

Texto e fotos: Leandro Anhelli e Magda Martins

Um tanto quanto apático, o reduzido público, com exceção dos mais próximos da grade, não se agitou muito quando a banda de abertura Hevorah entrou no palco pra tocar seu repertório, com alguns problemas de som inclusive. Não foi unanimidade de público.

A esperança estava realmente na banda principal, que, quando adentrou o palco, sentiu a agitação do público a recepcionando. Apesar da abertura com o hit "Bye Bye Beautiful", quem estava assistindo precisou de mais músicas para acordar de verdade.

A vocalista Anette Olzon, odiada por uns, amada por outros, mostrou a que veio. Discreta dessa vez, acabou conquistando rapidamente o público. Por motivos óbvios de diferenças de estilos, as músicas antigas quando tocadas soaram um pouco diferentes, mas propositalmente modificadas ficaram muito boas em sua voz, pois ela aplicou seu estilo à música não querendo tentar imitar a ex-vocalista Tarja Turunen.

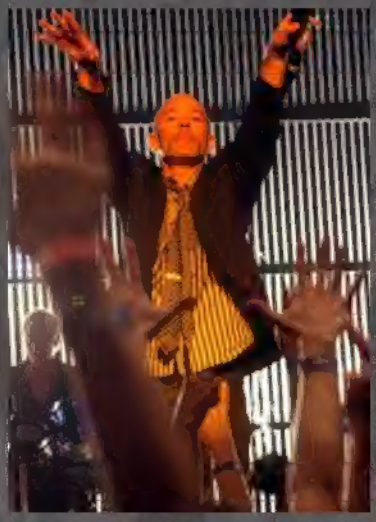
Com músicas como "Amaranth", a lindíssima "The Islander", "The Poet And The Pendulum", "Dark Chest Of Wonders" e a clássica "Wishmaster" a banda agradou a todos os gostos e talvez as surpresas tenham sido realmente com "While Your Lips Are Still Red", "7 Days To The Wolves" e o fechamento empolgante com "Wish I Had An Angel".

A única ressalva talvez tenha sido o set curto, de apenas 1h30 de duração. Mas para muitos o que importa é qualidade e não apenas a quantidade; e isso a banda teve.

REM não decepciona grande público em São Paulo

11/11/2008 – Via Funchal – São Paulo/SP

Texto: André "Pomba" Cagni - **Fotos:** David Peixoto (InPress)



Com o Via Funchal lotado, o REM tocou pela segunda vez em São Paulo e mais uma vez não decepcionou. Como é básico, abriram o show com uma música do novo álbum "Accelerate" - "Living Well Is The Best Revenge".

A produção de palco, com um imenso painel de leds com vários efeitos, e uma sonorização ótima antecipava que a noite seria memorável. Mas a gritaria veio mesmo na terceira música, a ótima "What's The Frequency, Kenneth?", na qual o vocalista Michael Stipe, com seus super óculos, mostrou que é o centro das atenções, com os seus trejeitos e movimentos frenéticos com as mãos, coadjuvado pelos membros originais Mike Mills (baixo) e Peter Buck (guitarra) em performances mais burocráticas. Em "Drive", porém, o trio teve um momento mágico de interação conjunta.

A política não foi deixada de lado, quando Michael criticou Bush pai, Bush filho e a candidata a vice-presidente na chapa de John McCain, Sarah Palin, ao dedicar ironicamente as três canções anteriores ("Man-Sized Wreath", "Ignoreland" e "Hollow Man") a eles. Logo em seguida, porém, ele reverenciou e pediu aplausos ao presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, e emendou com um dos pontos altos do show, o mega-hit "Imitation Of Life".

Pouco depois, outro grande momento com "Everybody Hurts", em que Stipe deu uma prova do grande vocalista que é, numa interpretação de arrepiar. E com o domínio total da situação, ele, num momento rockstar, em "The One I Love", inclusive desceu ao público para cantar junto das pessoas das primeiras filas.

E o show se 'encerrou' com a densa "Orange Crush" e a rápida "It's The End Of The World As We Know It (And I Feel Fine)", fazendo com que o público não parasse de gritar um momento, só pedindo mais.

E o bis veio logo de cara com o último hit "Supernatural Superserious" com seu maior sucesso "Losing My Religion", que apesar de cantada em uníssono, não esteve entre os melhores momentos do set. Para não deixar barato, o melhor momento do bis foi a última música, a linda "Man On The Moon".

Cyndi Lauper faz show caloroso e cheio de hits

13/11/08 – Via Funchal – São Paulo/SP

Texto: Hamilton Scofield - **Fotos:** Stephan Solon (Via Funchal)

A abertura do show de Cyndi Lauper ficou por conta da maravilhosa e empolgante "Change Of Heart", que contou com a participação em peso da platéia e já mostrou de cara o clima que o show teria. Cyndi se mostrou muito simpática e calorosa com o público, fazendo diversas brincadeiras, tentando conversar em português com um bom e velho dicionário nas mãos. A diversão era garantida.

Apresentando músicas novas, como o single "Into The Nightlife" e "Echo", teve uma ótima resposta do público. E claro que os hist não poderiam ficar de fora, e todos foram cantados no show: "She Bop" misturou a versão original com a mais recente, do CD "The Body Acoustic", a balada "All Through The Night" causou emoção e o encerramento do show, que ficou por conta da dançante "Money Changes Everything".

Após uma hora exata, a cantora se despede do palco e do público, mas é claro, voltou para o tão aguardo bis, que começou com uma versão a capela de "Goonies 'R' Good Enough", que foi tão cantada pelos fãs que Cyndi não teve como fugir e mandou a versão completa da música acompanhada por sua banda. Depois ainda vieram "Time After Time", seguida de "Girls Just Want To Have Fun", o maior hit da cantora, que foi executado com citações da música "Hey Now".

Depois do bis animado, Cyndi deixou o palco novamente, mas o show ainda não tinha acabado. A cantora voltou ao palco sozinha e cantou "True Colors". Depois dessa, agora sim o show estava completo e fez com que todos ali presentes com certeza saissem satisfeitos.

Mix Music no CCJ valoriza o rock feminino

16/11/2008 - Centro Cultural da Juventude - São Paulo/SP

Texto: Kenny Lopes - **Fotos:** Rodrigo de Araujo

O último dia do Mix Music rolou no Centro Cultural da Juventude. Antes dos shows, aconteceu um bate papo sobre homossexualidade, feminismo e rock com a cantora, escritora, compositora e atriz, a "faz-tudo" Vange Leonel.

As apresentações foram intercaladas com a discotecagem da DJ Lady A, que mandou vários sucessos de bandas de rock feminino, como "The The Empty", do Le Tigre, e "Heart Of Glass", cover do Blondie feito pelo Lunachicks.

A primeira banda a entrar no palco foi a Comma. O grupo chamou a atenção pela sua formação peculiar: duas garotas – Erika Lamers no violão e voz e Edilaine Cunha na bateria e voz. As meninas mandaram seu som com influência de rock e folk, e conseguiram encantar a platéia com várias baladas.

Em contraponto, quando as cortinas voltaram a se abrir, foi como uma porrada nos ouvidos de todos os presentes. O The Biggs já estava no palco mandando "You Got It Girl", seguida de "Bullet Proof Jacket". Só depois cumprimentaram a platéia. O show seguiu com a performance nervosa de Flávia dos Santos e Mayra Vescovi socando suas cordas e Brow martelando a batera de forma insana, levando as baquetas para cima até onde seus braços alcançavam só para descê-las com toda força. Mandaram várias músicas do novo e incrível álbum, "The Roll Call". Apre-sentaram também duas músicas novas: "Acido L7" e "Woman Is Free". Finalizaram com a mesma música que fecha "The Roll Call": "Chickadee". Acabando o show, os integrantes do Biggs se misturaram à platéia para dançar junto ao som do Hats. Afinal, o som do Hats é loucamente dançante.

A batera Cherry Taketani, a guitarrista Eliane Testoni e a baixista Helena Catarina entraram no palco. A banda abriu com "Live Some More" e tocou várias músicas do novo CD, "Locas In Love", como "Ikimashô" e "Dilirium Delight".

A última banda a se apresentar foi a precursora do riot grrrl no Brasil. O Dominatrix entrou no palco abrindo com a primeira música da banda que ganhou um clipe: "Broken Glass Candy". O show contou com a participação de Vange Leonel nos vocais de "Mães, Filhas e Irmãs" e "Knowledge". O set contou ainda com os sucessos "Debora", "Jack Queen", "Pagan Love" e a clássica "Die Die". O show também contou com a participação de Andréia Martins, do Império dos Sonhos, namorada da Elisa Gargiulo, líder do Dominatrix.

Vange Leonel & Dominatrix

Resumindo, a última noite do Mix Music foi perfeita para quem curte rock'n'roll feminino, contando com bandas importantes de meninas fazendo um rock bom, puro e simplesmente rock.

Mix Music nas Paradas do Sucesso acontece em clima de festa

14/11/08 – Sesc Pompéia – São Paulo/SP

Texto: Hanilton Scofield - **Fotos:** Catarina Siqueira

Maria Alcina, Perla & Rita Ribeiro

Tendo como missão ser o braço direito do Festival Mix Brasil de Cinema, o Mix Music invadiu o palco do SESC Pompéia para mostrar um show no mínimo histórico. A banda era formada por célebres músicos da cena independente nacional: Astronauta Pingüim nos teclados e direção musical, Alexandre Kanashiro (The Gasolines) na guitarra, Geórgia Branco (As Mercenárias e Wander Wildner) no baixo e Clayton Martim (Cidadão Instigado) na bateria.

A abertura contou com Márvio, vocalista da banda Cabaret, que fez uma apresentação num clima romântico, cantando clássicos como "Muito Estranho", sucesso do cantor Dalto, e "Unchained Melody", muito conhecida na versão do The Righteous Brothers, que fez parte da trilha sonora do filme "Ghost".

Em seguida foi a vez de Tatá Aeroplano, vocalista das bandas Jumbo Elektro e Cérebro Eletrônico, assumir os vocais, e animar a platéia cantando "Meu sangue ferve por você", de Sidney Magal, e uma animada versão de "O Vira", clássico do grupo Secos & Molhados.

Em seguida, veio a paraguaia Perla. A cantora abriu seu set com suas famosas versões do grupo Abba: "Pequenina" ("Chiquitita") e "Fernando". O público adorou e cantou em coro as versões. Em seguida, Perla assumiu o violão e cantou "Galopera", que contou com citações da música "Vá pro inferno com seu amor", sucesso da dupla Chitãozinha & Xororó. Resultado: platéia fervorosa, que ainda acompanhou no clima "Índia" e o encerramento com a música "Estrada do Sol".

Nesse clima frenético, Rita Ribeiro assumiu o palco cantando "A noite vai chegar", sucesso da cantora Lady Zu. Em seguida, a cantora mandou a balada "As dores do mundo", sucesso do cantor Hyldon. O encerramen-to ficou por conta de "Todo dia era dia de índio", que Rita fez questão de lembrar que se inspirou na versão cantada por Baby Consuelo.

A última atração da noite foi a cantora Maria Alcina, que com um visual pra lá de descontraído já conquistou a simpatia do público e abriu o repertório com "Maracatu Atômico", sucesso de Jorge Mautner e posteriormente regravado por Chico Science e Nação Zumbi. Seguiu com "Todo carnaval tem seu fim", do grupo carioca Los Hermanos, e ainda contou com um medley reunindo "Bacurinha", "É Mais Embaixo" e "Prenda o Tadeu".

Para o grande encerramento tivemos todos reunidos no palco cantando "Eu quero é botar meu bloco na rua" e "Bandeira Branca". E foi assim, num clima festivo, que o Mix Music terminou, num clima de animação e dever cumprido.

Duran Duran faz show de impacto e classe em São Paulo

21/22/2008 – Via Funchal – São Paulo/SP

Texto: André "Pomba" Cagni - **Foto:** Stephan Solon (Via Funchal)

Foram necessários exatos 20 anos para que São Paulo recebesse novamente um dos grupos pop mais importantes de todos os tempos, o Duran Duran. Dos cinco integrantes conhecidos como membros da formação original somente Andy não está mais. Para segurar a onda, a banda teve a seu lado os músicos de apoio Don Brown (guitarra, que tocou bem pesado), Simon Willescroft (muito bom no sax) e Anna Ross (competente, mas comedida nos backing vocals), que seguraram bem a onda.

Tirando uns quilinhos e botox extras, o que se viu foi um grupo em plena forma musical, se exibindo com a pose, elegância e alegria características destes que foram os primeiros metrossexuais da música. Mas é inegável dizer que o ponto alto do show foi quando eles tocaram com maestria duas baladonas: "Come Undone" e "Ordinary World" (em que Simon arrasou nos vocais em falsete), ironicamente um dos poucos sucessos tocados da sua fase anos 90. Boa parte do set foi concentrada em músicas dos dois últimos álbuns, mas a única que bombou com o público foi "(Reach Up For The) Sunrise", a que mais tem cara de anos 80, aliás.

A apresentação de exatas duas horas foi inesquecível e impressionante, até por conta dos desfiles de hits de sua fase áurea. Desde quando "Planet Earth" e logo em seguida "Hungry Like The Wolf" ecoaram fortes nas caixas do Via Funchal, deu pra ver que o bicho ia pegar. A parte funk com "Notorious" e "I don't want your love" fez com que todos dançassem alucinadamente. As baladinhas "The Chauffeur" e "Save a Prayer" fizeram a galera - majoritariamente na casa dos 30/40 anos - se emocionar.

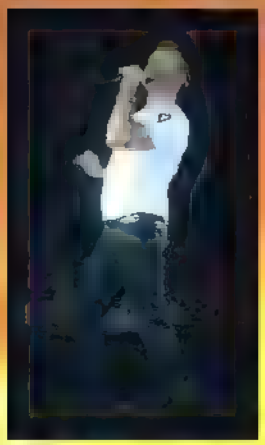
Simon comandava a linha de frente com muito carisma e desenvoltura de palco, quando incitava a todos a cantarem juntos os refrões das ótimas "Hungry Like The Wolf" e "Wild Boys", que fechou o set. Nick Rhodes, apesar de discreto, cuidou bem da sua parafernália de teclados e computadores, onde "A View To A Kill" é uma ótima mostra do seu estilo.

Mas é perceptível que o maestro da banda e seu melhor músico é John Taylor, sem dúvidas um dos principais baixistas de sua geração, cujas linhas de baixo comandam as melodias do Duran Duran, vide a execução de "The Reflex" e "Is There Something I Should Know". Como coadjuvante, o batera Roger Taylor bate forte e sabe segurar os grooves impostos por John, mas também mostrou um algo mais no bis, com as "Girls On Film" e "Rio".

Queen + Paul Rodgers emocionam e levam público ao êxtase

26/11/2008 – Via Funchal – São Paulo/SP

Texto: Hamilton Scofield - Fotos: Aires Duarte



23 anos após sua última apresentação no Brasil e 17 anos após a morte de Freddie Mercury, o Queen finalmente retornou ao Brasil. Longe de encher os estádios de outrora com shows para mais de 100 mil pessoas, a seminal banda inglesa agora pendeu para lotar o Via Funchal em duas datas. Porém, engana-se quem pensou que o show fosse um engodo ou um revival de rockeiros decadentes com média de 60 anos de idade. A reencarnação Queen + Paul Rodgers, que juntou a dupla original da banda Brian May (guitarra) e Roger Taylor (bateria) com o ex-vocalista do Free, Bad Company e The Firm, mostrou um espetáculo emocionante e impressionante em todos os sentidos. Ao lado do trio principal, ótimos músicos de apoio como o veterano Spike Edney (piano e acordeom, que toca com o Queen desde a década de 80), Jamie Moses (guitarra) e Danny Miranda (ex-Blue Oyster Cult), substituindo o outro membro original do Queen, John Deacon, no baixo, que se declarou aposentado.

O set - principalmente em seu início - privilegiou músicas com tendência mais hard rock setentista do repertório do Queen, como "Hammer to Fall", "Tie your mother down", "Fat bottomed girls" e "I want it all", mais adaptáveis ao vocal de Paul Rodgers do que clássicos como "Killer Queen" e "Don't stop me now", impossíveis de se dissociar da voz e performance de Freddie Mercury. Essa falta de "glamour mercuryano" ficou evidente em "I want to break free". Mesmo assim, é surpreendente a interpretação de Rodgers na densa e tocante "The show must go on", tocada quase no final do show. Assim como foi legal ouvir novamente cantá-lo canções do Bad Company e Free, como "All right now", "Bad Company" e a acústica "Seagull". Como nem tudo é nostalgia, as novas músicas, como o hit "Celebrity", as pesadas "Surf's up... School's Out!" e "Cosmos Rock n' Roll", além das baladas "Say it's Not True" e "We believe", soam melhores ao vivo e nos fazem querer ouvir o novo álbum "The Cosmos Rocks" novamente.

Mas os melhores momentos foram quando - literalmente - Roger Taylor e Brian May assumiram a frente do palco. Brian empunhou o violão e banquinho e pediu para o público ajudá-lo a cantar "Love of my life". Mas nem precisava ter pedido. Com todos cantando toda a letra de cor, foi impossível conter as lágrimas. O próprio Brian May não conseguiu segurar a onda e precisou de um tempo para se recompor. Roger mostrou um astral mais bem humorado e depois de acompanhar só com o bumbo a ótima "39", foi fazendo um solo em que chegou a tocar baixo com as baquetas, homenageando John Deacon com as intros de "Another one bites the dust" e "Under pressure". Ao mesmo tempo, os roadies foram colocando novos partes de bateria enquanto seu solo aumentava de ritmo, culminando em boas interpretações com seu vocal característico em "I'm in love with my car" e "A kind of magic".

Pouco depois, Brian voltaria para o seu tradicional e longo solo de guitarra, em que ainda pela primeira vez surge a imagem de Freddie no telão, interpretando o dueto em "Blow". Após o solo, a banda emendou a maravilhosa "Under pressure", fez todos baterem as tradicionais palmas e mãos levantadas em "Radio Ga Ga", além de se divertirem com a impagável "Crazy little thing called love". Mas o melhor foi reservado para o final do set, quando surge no telão Freddie cantando "Bohemian Rhapsody" numa interpretação ao vivo arrepiante e emocionante. Após o interlúdio operístico, o grupo volta ao palco para finalizar a parte pesada da música e assim chega ao fim o set normal.

O bis demais 20 minutos vê o coroar ainda mais o memorável espetáculo proporcionado pelo Queen + Paul Rodgers. Tendo o público em estado de êxtase extremo e como coadjuvante ativo o

Madonna trouxe o maior espetáculo do ano ao Brasil

20/12/2008 – Estádio do Morumbi – São Paulo/SP

Tive a oportunidade de assistir ao "The Girlie Show" em 1993 no mesmo Estádio do Morumbi e em que pese a qualidade do material musical da primeira tour em terras brasileiras ser infinitamente melhor que o atual, esse novo espetáculo é nitidamente superior em todos os outros sentidos: palco, produção, telões, coreografias e... a própria Madonna.

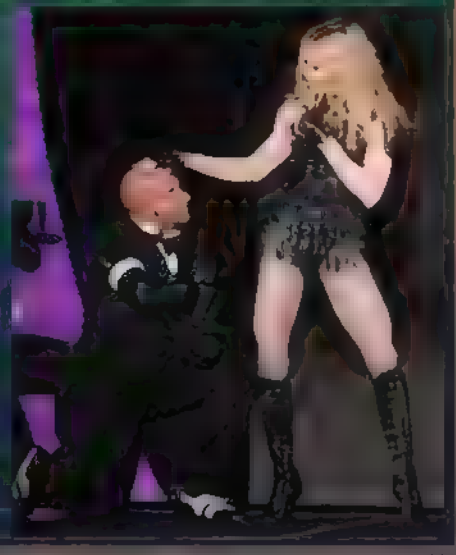
O show, iniciado às 21h30, é dividido em quatro blocos temáticos, começando com "Pimp" (referência aos anos 20, com direito a até um carro antigo), passando por "Old School" (com feeling eighties), sendo que a parte cigana, "Gipsy", foi a mais fraquinha, sendo salva quase no final pelo grupo folclórico romeno que deu um toque diferente e inusitado. E o melhor bloco é justamente o final, chamado de "Rave", e talvez por isso o que mais fez a todos agitarem.

Madonna tem uma grande vantagem de se reinventar sempre e por isso mesmo de correr riscos. Riscos como, por exemplo, de perverter os arranjos de alguns de seus maiores sucessos ao vivo. "Vogue" trouxe um groove hip hop, "Borderline" veio em versão rock, "Hung Up" era heavy metal, "Like A Prayer" foi embalada num pacote dance anos 90, "Ray Of Light" tinha uma levada mais pop e menos dançante. Até seu maior hit atual, "Give It 2 Me", foi tocada como num remix tribal house.

Enquanto a maior parte dos artistas se vê reféns de um set list com músicas "obrigatórias", Madonna se dá ao luxo de ignorar megahits como "Like A Virgin" e "Holiday" e privilegiar novas canções a cada turnê, o que faz cada espetáculo único.

Sobre as novas músicas, uma grande surpresa foi a versão ao vivo de "Devil Couldn't Recognize You", que mostrou uma beleza escondida pela produção exacerbada. Outra que surpreendeu, não só pela bela interpretação, mas também pela escolha, foi a balada "You Must Love Me" do filme/trilha "Evita". É nessa hora que Madonna, claramente emocionada, se derramou em elogios ao público brasileiro, se disse feliz (apesar de triste) por encerrar sua turnê por São Paulo. Aliás, Madonna se mostrou falante e à vontade, xingando a chuva (que veio tímida e por pouco tempo), voxando a escolha das músicas que os fãs pedem. Desta feita, ela não quis cantar nem "Holiday" nem "Open Your Heart" e acabou levando "Express Yourself" com a ajuda da galera cantando junto e batendo palmas.

Grande parte do show é bombado por playback... vozes guias e backings com backing poderosos e vozes parecidas com a de Madonna. Talvez por isso as melhores partes são quando Madonna se despe da super produção e canta com o gogó mesmo. "Music", "Hung Up" e "Ray Of Light" mostram como ela é boa no que faz e que urge Madonna fazer um show menos produzido, mais voltado pro pop rock, sem dancinhas e um monte de bailarinos dando close, talvez só com um bom grupo musical por trás.



Longa vida a Madonna e que sua promessa de não demorar mais 15 anos para voltar realmente se cumpra!

HELMET ENCERRA GOIÂNIA NOISE DOMINANDO SUA PRÓPRIA PERFORMANCE

22 e 23/11/2008 – Museu Oscar Niemeyer – Goiânia/GO

Texto: Adreana Oliveira - Fotos: Andrielly Andrade

22/11

Cicuta
O quarteto goiano abriu a noite com hardcore.

Mersault e a Máquina de Escrever
A banda fez um dos shows mais intimistas do Noise. Foram apresentadas músicas como "Fluidez de Jumento" e "Cowboy de Drogaria", que encerrou a apresentação.

Mugo
O Mugo faz metal, sim, tem uma pegada new metal que as vezes remete a bandas como Deftones, mas os caras tem a moral para fazer rock pesado e melódico com seus momentos guturais. Mostraram músicas do disco que sairá em março, entre elas "Sick Of You" e "Scratch".

AMP
O primeiro CD do AMP está prontinho. "Só falta entregarem", diz o baixista Dudu. A banda tem um público já apaixonado em Goiânia.

Guizado
O Noise sempre traz bandas experimentais [illegible] caminhos. Guizado é uma dessas viagens sonoras.

Black Drawing Chalks
Os novos queridinhos de Goiânia já podem se dar ao luxo de fazer um show com poucas musicas do único CD lançado e mandar ver em novos sons disponíveis apenas no MySpace. Música velha ou não, não falta quem cante junto com eles.

Ambervisions
Os caras horrorizaram, com direito a zoar o tempo todo com várias personalidades. Nem Mallu Magalhaes e Marcelo Camelo escaparam. Márcio Jr (Mechanics) fez uma breve aparição no show. Entregou ao Ambervisions o troféu de Melhor Banda do Noise e do Mundo. Mais tarde, Zimmer jogou o troféu para a galera.

Gangrena Gasosa
A representante brasileira do sarava-core volta à ativa para deleite de novos e velhos fãs. Músicas como "Deus é 10", seguida pelo complemento "Satanás é 666" e "Terreiro do Desmanche" foram cantadas a plenos pulmões.

The Dead Rocks
Show impecável, desde o figurino até a presença de palco e ocupação do mega-espaço a eles destinado no palco principal do Noise. Guitarra, baixo, bateria e ternos bem cortados. E claro, muito talento e paixão pelo que fazem foram determinantes para a boa apresentação.

MQN
Não adianta colocar o MQN nos mega-palcos. Sem dúvida nenhuma os palcos pequenos são mais a cara, o jeito, a vibração MQN. Pequeno ou grande, o palco será invadido de qualquer jeito antes do fim da ultima música, seja ela "Red Pills" ou "Burn Baby Burn". O palco foi invadido e todo virou uma grande festa regada a cerveja.

Cabruera
Apesar dos dez anos de estrada o som alternativo do Cabruera começa agora a ganhar espaço nos festivais independentes de rock.

Black Mekon
Não importa se você não conhece nenhuma música, se nunca viu os caras, nada disso interessa quando você esta no show, eles cuidam de te entreter. Com uma boa banda britânica, o terninho só ajuda a melhorar a performance, com máscaras então, mais sexy, mais rock'n'roll, mais. Dane-se, estamos aqui para nos divertir.

Black Mountain
Do Canadá para o Brasil o Black Mountain trouxe um rock quase orquestrado, que tem lá seu valor com ou sem vocal. A desenvoltura harmônica dos caras e o modo introspectivo que tocam trazem uma atmosfera cool para a arena.

The Flaming Sideburns
A banda finlandesa The Flaming Sideburns, cujo vocalista Eduardo é nascido na Argentina, faz algo mais próximo do classic rock. Músicos bem posicionados, interativos e um figurino impecável. Eduardo é uma mistura de Mick Jagger e Robert Plant. Não se sabe como conseguiu se equilibrar na grade de proteção com aqueles sapatos plataforma. A resposta do público foi meio a meio.

Instituto
Muito balanço para fechar a segunda noite do Noise. Este projeto com pesos-pesados da música nacional colocou todo mundo para dançar com seu show Racional. Muitas vozes, percussão e uma interatividade fantástica para uma banda com 14 integrantes.

23/11

Heaven's Guardian
O peso do início do último dia do Goiânia Noise [illegible] escolhas e vocais agudos da banda de metal Heaven's Guardian [illegible] as quais primeiras atrações da noite, uma pena. Entre as músicas apresentadas estão "Dark" e "Just Believe". Figurino digno de uma banda de metal, com direito [illegible] para realçar longos cabelos.

Hillbilly Rawhide
Do metal para o country, ou se preferir, bluegrass [illegible] chapéus de cowboy, botas de bico fino, jeans surrados [illegible]. E, com exceção dos violinos, contrabaixo acústico, banjo e música [illegible].

Molek
A banda belga Molek faz um som bem complexo [illegible] quanto aquelas que contam com vocais mais [illegible] irregular, cujo ritmo varia do experimental ao pop.

Bang Bang Babies
Peguei a última música [illegible] dessa o palco.

The Ganjas
O quarteto chileno mostrou-se entrosado e à vontade no palco. O som, um rock com algumas interferências de outros estilos que vão do blues ao dub.

Mechanics
Única banda [illegible] Noise, o Mechanics surpreendeu mais [illegible] grosseria de sempre logo [illegible] admiradores dos goianos.

Loop B
Considerado [illegible] caminhos de obra, placas de alumínio [illegible] de objetos que nada têm a ver com música. [illegible]. De repente [illegible] sai soma do palco para interagir [illegible] e tocado na pista, junto ao público.

The Tormentos
Os argentinos fizeram [illegible] o público aprovou e percebi que o grupo angariou [illegible] até conseguir uma foto ao lado dos hermanos.

Claustrofobia
O metal está sempre [illegible] e anos, os caminhos [illegible] sempre são [illegible] abrir [illegible] uma boa escolha.

Periferia
Um show pulsante, rock [illegible]. Fechou a [illegible] Noise. O show foi rápido, direto e destruidor.

Inocentes
A velha guarda do punk nacional foi bem [illegible] do público. A banda fechou a apresentação com "Pânico em SP".

Helmet
É raro ver o show dominar uma banda no palco como o Helmet foi dominado por sua própria performance. Geralmente é o contrário: os músicos crescem durante a apresentação, que começa devagar, tem o momento de pico e naturalmente cai um pouco até o final do show. O Helmet seguiu reto do início ao fim. Não estamos nos anos 90 mais e nem o Helmet está. A música continua soando atual e poderosa. "Unsung", "Milquetoast", "I know", "Crashing Foreign Cars", "Smart" e "Swallowing Everything" estavam no [illegible] o que fez a alegria de fanáticos que se posicionavam na frente do palco para chamar atenção do ídolo. O líder Page Hamilton, dedicado ao jazz e ao blues e grande fã de Tom Jobim, dedilhou em sua guitarra "Vou te Contar", surpreendendo o público. Após o bis toda a banda retornou para o palco, voaram baquetas, palhetas, cumprimentos. Page não se conteve e desceu até a barricada de seguranças, cumprimentou os fãs e tirou fotos com alguns fãs.

Festival QuebraMar: caos no primeiro dia e grandes shows no segundo

05 e 06/12/2008 – Unifap – Macapá/AP

Texto: Caco Ishak • **Fotos:** Ricardo d'Almeida

Após o primeiro riff afinal quem se importa com atrasos? "Eu não ligo" berrava o vocalista da local Relles Nem nenhum dos que tinham entrado de graça e batiam cabeça na apresentação seguinte, da Klethus, que mostrou por A mais B que Roraima, white metal e mulher na guitarra combinam, sim senhor Roni Morais ainda pôde mostrar sua música popular brasileira mesclada ao que de melhor a terra oferece Mas sem regionalismos pilantras

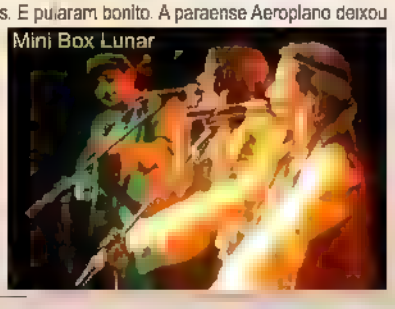
No quarto show, da amapaense Dezoito21 os portões da Unifap foram fechados Algumas dezenas de pessoas do lado de fora Os seguranças passando por cima de uma ordem escrita e assinada pela Pró-Reitoria, resolveram acabar com a festa

Pra piorar a mulher do cara da mesa de som tinha sido barrada e ele resolveu se rebelar e desligou o som

Uma hora depois, e a liberação da entrada finalmente concedida, já não havia mais viva alma na Unifap. Nem dentro, nem fora. O coletivo se reunia pra discutir as ações do dia seguinte no intuito de antecipar a solução de qualquer contratempo no segundo dia, antes mesmo que algo acontecesse.

Sete em ponto, no dia seguinte, a 12voltz estava em cima do palco Mais uma boa revelação de Macapá. O público tardou em chegar no segundo dia. Mas chegou. Não a tempo de ver os paraenses da Clube de Vanguarda Celestial que atravessaram o rio a barco pra tocar no festival.

Com a local SPS12 e seu hardcore malhação porém, a história foi outra. Já havia quem pular com o peso dos moleques. E pularam bonito. A paraense Aeroplano deixou muito marmanjo veterano do rock de queixo caído. Joy y Joker e Stereovitrola também marcaram presença



Os mato-grossenses da Macaco Bong deram um puta espetáculo. O Mini Box Lunar fez o que podia ter sido o melhor show da noite mesclando tudo que fora apresentado até então do popular à insegria, da melodia à distorção.

Fogo no Cerrado tem primeira edição já grandiosa

12 e 13/12/2008 – Barfly – Campo Grande

Texto: Humberto Finatti • **Fotos:** Vaca Azul Corporation Association

O Fogo no Cerrado concentrou uma ótima amostra de rock n roll em suas variadas vertentes e foi tudo, menos bundamole Realizado no Barfly (um dos bares rockers mais conhecidos de Campão, com um salão de sinuca no andar de cima e espaço bacana para shows ao vivo no porão), o FC começou modesto sim, na estrutura (palco pequeno, jogo de luzes razoável, boa potência no PA), mas já grande em termos da qualidade de alguns shows apresentados e também na entusiástica participação do público

Foi um prazer ver que em Campo Grande a cena de bandas locais fervilha e mostra surpresas mega agradáveis como o rock com mix de regionalismo e mpb do Mandioca Loca ou ainda o potente e engajadíssimo hip hop da Falange De Rima, que concentrou grande público durante seu set e mostrou que o rap é hoje uma das linguagens mais fortes na música alternativa brasileira Aliados a estes novos nomes da cena de Campão, uma banda histórica como o Bando do Velho Jack e seu hard blues rock à la Lynyrd Skynyrd só reforçou o que todos ali estavam sacando Campo Grande não fica devendo nada a outras grandes cidades brasileiras, quando o assunto é rock.

Teve ainda Facas Voadoras, que já caiu nas graças do produtor Fernando Rosa Teve o Noradrenalina e seus efluvios de pós-punk e goth rock com letras em português Teve o metal industrial brutal do pau sitano Orange Disaster um dos melhores momentos de todo o festival Teve a "multi-estadual" Revoltz mostrando seu rock pós-new wave Teve o trio instrumental Macaco Bong, cada vez mais fodaço ao vivo E por fim, teve o esporro do Dimitri Peliz, a nova banda do baterista Jean Gabriel, um dos organizadores do FC

O saldo final foi mais do que positivo, enfim E com ótima repercussão tanto na mídia impressa local como em blogs e sites dedicados ao rock alternativo, o Fogo no Cerrado veio para ficar e a edição de 2009 deverá crescer exponencialmente em número de bandas, estrutura local etc

Little Joy leva alegria ensolarada a Londres

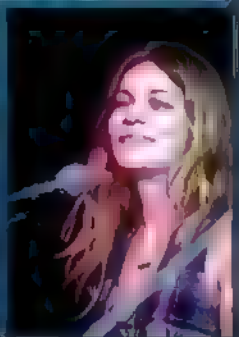
21/01/2009 – Dingwalls – Londres/UK

Texto: Opium Jones

O primeiro grande show de Londres em 2009 foi visto por umas 500 pessoas. Podia ter [illegible]. O Little Joy é a [illegible] apostou [illegible] show. Aliando [illegible] perfeita de Fabrizio Moretti (Strokes) e Amarante (Los Hermanos) com a [illegible] Binki Shapiro.

[illegible] platéia, o que elevou o calor do show e deu o suporte necessário para Rodrigo Amarante, a estrela da banda [illegible] quem canta a maior parte das músicas do Little Joy. É engraçado ver os gringos encantados com a [illegible] feita num show que eles estavam ali para assistir e analisar o som da banda, mas os brasileiros sabem melhor do que ninguém como aproveitar um bom show [illegible] te faz esquecer o clima londrino do lado de fora do Dingwalls, e se sente na praia tomando uma breja gelada, com toda a felicidade e sorte que tem o brasileiro. Livre dessa paranóia burocrática e conservadora que envolve essa ilha.

"Evaporar" começa quieta, sozinha, com Amarante. Alguns brasileiros tentavam acompanhar a letra que não sabiam, mas o "tchu, tchu, tchuuuu" saiu. Não sei se pela [illegible] Don't Watch Me Dancing [illegible] gente, o público. Bisou para a galera que aquela era a "most crowd ever". Bem, o [illegible] alegria da banda sendo no Brasil. Alguma dúvida de que Fab mudará de opinião [illegible] show foi uma grande festa [illegible] já são clássicos. "Next Time Around" é com certeza [illegible] que [illegible] mais gostosas de se ouvir [illegible] nesta primeira década, e que também já está [illegible] ao lado de "Shoulder To Shoulder", "No One's Better Sara" e "With Strangers" [illegible] que dizer do "Keep Me In Mind" se não que é o casamento perfeito de Los Hermanos [illegible] Strokes, duas das bandas mais legais do começo desta década? Só não entendo por que a imprensa londrina acha que tem algo haver com Caetano ou Gil.



Se eu fosse a mãe de Rodrigo com certeza estaria muito orgulhosa dele por ter gravado e divulgado para o mundo música tão legal quanto "How To Hang A Warhol". Essa música é legal pra caralho, e no show só não foi a mais celebrada por que "Brand New Start" é o som do momento. É o hit que faz inglês, sueco, alemão e principalmente brasileiro dançar e sorrir como se estivesse bailando nas areias de Florianópolis e o mundo fosse apenas um lugar alegre e divertido de se estar.

Acho que vou torcer é para que Los Hermanos e Strokes continuem mesmo na geladeira e o Little Joy

OMB: a batuta do Estado

By Paulo Wanderley

A OMB – Ordem dos Músicos do Brasil – foi criada pela Lei 3.857, de 1960, sob a batuta de Juscelino Kubitschek, então presidente da República. Alguns anos depois, sob a regência do golpe militar de 1964, foi alçado à presidência da OMB Wilson Sandoli, que tocava na mesma tonalidade da ditadura, e, talvez graças à rigidez do sistema tonal – apelidado de "capitalismo sonoro", pela predominância de certos parâmetros sobre outros – ali permaneceu por mais de 40 anos.

Do início de outubro de 2008 até a proclamação da República, em 15 de novembro, depois de desmandos de 4 décadas, o vice-presidente Roberto Bueno, maestro, mandou trocar as fechaduras do sexto andar do prédio da Avenida Ipiranga – a do grito de independência – impedindo a entrada do presidente semi-vitalício, Wilson Sandoli, ex-desembargador. Semanas depois, o professor Roberto foi empossado pelo Conselho da Ordem, por 19 votos a 2. Um dos dois votos contrários, é claro, foi de Sandoli. Mas a Dominante venceu a Tônica.

Com um clima de Dominante com sétima menor no ar, em ondas estacionárias sobre a sala de reuniões, o novo comandante Roberto Bueno me recebeu, não sem antes ser interrompido por uma ordenança, informando que Sandoli ainda esperneia, e continua tentando mandados de segurança contra a tomada da sede da Ipiranga. Em tempo: o prédio da histórica sede paulistana no centro da metrópole foi negociada pelo ex-desembargador por 300 mil reais, preço de uma sala na região.

"Nada pode ser decidido fora do tom do Conselho", sentencia Roberto Bueno, lembrando das sucessivas reeleições de seu antecessor sempre dissonantes da maioria. Em seguida, abrindo o ano de 2009, a nova OMB perdoou as dívidas de 4 décadas dos seus associados, bastando para tanto pagar a anuidade deste ano. Isso mesmo os desmandos de Sandoli, que destruíram o crédito na praça. "A OMB não consegue 1 real no sistema bancário", afirma o novo presidente.

Existem movimentos contra as travessuras do ex-presidente em várias instâncias, Polícia Federal, Ministério Público Federal, e segundo Bueno, mais de uma dezena de armas tinham sido compradas pelo exército inimigo, desabafa mostrando uma nota fiscal de R$ 68 mil relativos à blindagem de um veículo, que provavelmente seria usado em mais algum ataque ou achaque ao patrimônio da OMB. Pilhas de documentos ocupavam toda a mesa da sala de reuniões da Ordem.

Bueno desencadeou uma forte reformulação na rotina da Ordem. Diretor e professor do Conservatório Nacional de Cultura Musical, com cursos técnicos de Música, ele pretende mexer em um dos calcanhares de Aquiles da entidade: o exame de admissão, feito em compasso lento e anacrônico, além de promover uma campanha em prol da música ao vivo, pra valer, e não no compasso de espera que seu antecessor promoveu algumas vezes.

Atento à tecnologia, a OMB já está desenvolvendo um blog, ainda embrionário, mas que já pode ser acessado em http://novaordem.musicblog.com.br/. Outra frente de batalha que se avizinha é com a volta da Música às escolas. A Secretaria de Educação de SP já está tentando politizar a lei que regulamenta o assunto, priorizando os professores de educação artística para as aulas, contrariando o governo federal que anunciou estar aberto ao diálogo sobre a formação específica dos professores, visando empregar os músicos.

O maestro e professor Bueno coloca a Ordem à disposição para sugestões, apoios e parcerias, para fazer soar a segunda palavra da bandeira tupiniquim na ordem do dia. Enquanto a maioria silenciosa da imprensa dita "especializada" em Música atravessa o novo ritmo, apenas a DYNAMITE mantém o andamento das notícias. Na luta pela Música, os músicos agora contam com um acompanhamento mais sonoro. Menos tonal e mais harmônico, se é que os "especializados" sabem o que é isso.

ERVAS DANINHAS

Resistência lusitana

By Fernando Carpaneda

Os Ervas Daninhas são os verdadeiros punks da cena portuguesa. Formada em Pinhal Novo, a 30 km de Lisboa, e com oito anos de estrada, a banda já fez centenas de concertos e se firma como a mais cultuada banda de punk rock de Portugal.

Em 2009 se preparam para a gravação de seu mais novo CD. Vale a pena conferir o som e a sinceridade de uma banda que faz muito barulho e muita confusão por onde passa.

divulgação

Dynamite: Fale-nos um pouco sobre o nome da banda. Quem teve a brilhante idéia?
Gil: O nome da banda surgiu porque nos identificamos com as ervas daninhas. São seres vivos muito resistentes e que o homem ainda não conseguiu arranjar veneno capaz de destruir por completo. Têm um poder muito grande de adaptação a novas condições físicas, geográficas e meteorológicas, e crescem onde são indesejadas. E isso faz parte de nós, enquanto humanos. Nós, na banda, revemo-nos nas qualidades e virtudes dessas ervas indesejáveis, mas que são fundamentais para a harmonia do planeta. O nome surgiu por idéia minha e do João. Foi praticamente simultâneo o pensamento.

Dyna: Contem um pouco sobre a história de vocês. Como é que a banda se formou?
Gil: A banda Ervas Daninhas é oriunda de Pinhal Novo, Portugal. Comemoramos em 2009 oito anos de existência. No início, a banda era formada por mim no vocal e guitarra, Miguel na guitarra, João no baixo e Tiago na bateria. Gravamos em 2001 nossa primeira demo, chamada "Barulho e Confusão", e no ano seguinte a demo "Muito Barulho e Muita Confusão". Depois, a banda sofreu duas baixas, com a saída do Miguel e a morte do Tiago. De 2002 ao final de 2006, a formação ficou um trio, comigo, João e Paulo na bateria. No final de 2007, João e Paulo saem da banda e entra o Bidgi no baixo e Mendonça na bateria. No início de 2008, entra o Augusto na guitarra e o Miguel regressa à banda após cinco anos. Até agora, foram sete anos a dar e a levar muita "punkada".

Dyna: Quais são as suas influências? Todos os membros da banda partilham do mesmo gosto musical?
Gil: As influências dos elementos da banda na generalidade são quase todas as mesmas, embora cada elemento goste efetivamente de diversos estilos musicais, desde o punk, hardcore, heavy metal ou o rock tradicional. Só assim poderia ser para diversificar um pouco o som da banda e haver um elemento comum.

Dyna: Como é o processo de composição do grupo?
Gil: Normalmente, escrevemos as letras em casa, delineamos os acordes básicos e o ritmo. Depois, quando chegamos ao ensaio, apresentamos a nossa idéia e o resto do grupo vai em conjunto trabalhar esse tema. Se ficar do agrado de todos, apresentamos a música ao vivo. Se não, abandonamos o tema e poderemos voltar a ele anos depois.

Dyna: Quem escreve as músicas? Quais os temas que vocês mais costumam abordar e quais as maiores influências musicais da banda?
Gil: Normalmente, quem escreve e compõe as músicas sou eu, mas também o Bidgi e o Augusto compõem. Os temas que abordamos são essencialmente coisas do dia-a-dia, tudo aquilo que nos rodeia. Há coisas que escrevemos que são pura diversão, mas tentamos também ter uma parte ativa na construção de uma nova sociedade e por isso tentamos, além de abordar temas políticos, sociais, económicos e ecológicos, ter uma vertente positiva, deixar uma palavra de esperança e de mudança para que todos os que nos ouvem possam refletir sobre esse assunto e assim contribuir para uma nova sociedade, sem tabus, sem hipocrisia, sem guerra, sem atropelar os conceitos básicos dos direitos de todos os seres existentes no nosso planeta.

Dyna: Quais são seus objetivos como banda?
Gil: Os nossos objetivos hoje são os mesmos de sete anos atrás: tocar pelo gosto de tocar, viajar, conhecer pessoas e tentar passar uma mensagem de esperança e de verdade para todos os jovens, de que um novo mundo é possível.

Dyna: Como é a cena punk portuguesa?
Gil: Penso que é igual à cena de todo o mundo. Há muitas bandas, muitos concertos, muita gente jovem e muita gente com projetos interessantes, como pequenos fanzines, blogues, etc. Acontece que Portugal é um país muito pequeno e isso tudo acontece tudo em uma escala muito pequena. Hoje, em Portugal, há poucos punks, mas os poucos que existem são bons (risos). Mas, se andares pelas ruas de Portugal, é raro vermos um punk vestido como nos anos 70 ou 80.

Dyna: Vocês já ouviram alguma banda brasileira? Gosta do som de alguma?
Gil: Conhecemos e somos fãs de muitas delas, como é o caso de Olho Seco, Cólera, Condutores de Cadáver, Cabeloduro, Muzarelas, Ratos de Porão, Esgoto, Agrotóxico, Phobia... Também gostamos de sons mais calmos, como Tom Jobim, Maria Bethânia, Paralamas do Sucesso, Camisa de Vênus, entre outros.

Dyna: Vocês estudam? Trabalham? Como é que conseguem conciliar com os ensaios da banda?
Gil: Uns ainda estudam e outros trabalham. Uns vivem em Pinhal Novo e outros vivem em Lisboa. Costumamos ensaiar nas sextas à noite. Saímos do trabalho e aí vamos nós bater para fora todo o stress acumulado da semana.

Dyna: Fale um pouco sobre o último disco da banda.
Gil: O último disco da banda foi a discografia, que inclui todas as demos da banda desde 2001, incluindo um concerto ao vivo. Vai agora em fevereiro voltar a ser disponibilizado para o projeto da Infected Records "77 Benefit", cujo dinheiro será revertido a favor de uma instituição de solidariedade.

Dyna: Qual a sua posição sobre o punk rock na Europa nos dias de hoje?
Gil: O punk rock na Europa está um pouco diferente do que era nos finais dos anos 70, mas a atitude continua, a irreverência continua, o inconformismo continua, a música continua. As pessoas passaram à ação e as coisas com a internet melhoraram muito, pois estamos em permanente contato entre todos, havendo muitos festivais, muita festa e muita consciencialização para os problemas do mundo.

Dyna: Tem previsão para um disco novo?
Ervas: Sim. Estamos a preparar a gravação de um CD para o final de janeiro e para sair ainda no primeiro trimestre de 2009. Já temos estúdio marcado e as músicas estão a fluir muito bem.

Brasil e Japão no acordes do rock!

...ciano Vitor e Lucia St. C...

E quem disse que no Brasil não tem uma banda que em que se sua totalidade é formada por descend... entes de nipônicos? ...iferenç... música em si? Não, mas ...onto de vista.

Quem escutar mais atentamente pode perceber traços de j-rock (japan rock), acordes de Minoru, Kadu, Jhun e Nako. São todos brasileiros, mas três quartos da banda são descendentes do povo que nos deu ...isa, inclusive essa banda que vem para ressuscitar um pouco da jovialidade de ro... a, um quarteto que mistura bom hum... firmes e influências das mais diversas, desde o rock sessentista até o ...do j-roc... esquecer Ramones e outra gama rica de influências. ...nista ... colabo... radora ... esma... uma desco... vos escreve e... (fato raro hoje em... toda certeza boas risadas e um olhar mais atento a uma nova banda de São Paulo

Dynamite: O som de vocês é bem diferente da maioria das bandas que estão tocando por aí. Quais são as principais influências (nacionais ou internacionais) da banda na hora de compor?

Nako: Tem algumas influências que são comuns a todos, como Ramones, Stiff Little F... Clash, Rancid, Buzzcocks, Social ...Sex Pistols. Ou seja, o punk rock. P... solos e riffs de guitarra ex... puxo ... rock'n'roll dos anos 50 e 6... Até qu... e um pouco mais s... eu escuto é ...é assim que acaba saindo a maioria das coisas. Quem toca g... ...o um terço ... no final das contas os solos saem todos parecidos.

Minoru: Bom, eu tento tocar igual ao Tommy ou Marky Ramone porque é mais fácil e eu só sei fazer isso. Quando ... ...mponho alguma coisa, o Nako tem que mudar tudo porque só saem três acordes, igual aos Ramones.

Kadu: Além das bandas de punk ... que temos em comum, como o Nako citou, eu gosto bastante de bandas de ska, como S... ris, Specials, Skatalites principalmente pelos bai... sempre ... uma linha de condução com muitas escalas e não só marcação. Além ...

...is pelo fato de sermos uma b... ...tocamos aquilo que gos... ...á vender ou não. N... ...stá tocando no momento

Jhun: O "Little Room", nosso primeiro CD foi o pri... ...a vida, então para falar a verdade eu não sabia muito bem como era minha voz até então. O resultado foi um vocal bem rasgado. Cantando algumas músicas cover, eu acho que mudo um pouco de acordo com a banda, porque o som original sempre influencia a execução cover. No momento, estamos compondo músicas novas e eu estou tentando dar uma variada no estilo vocal; vamos ver no que dá. Minhas influências aplicadas à banda vêm muito do rock alternativo em geral ao punk rock, ... escuto vários outros estilos.

Dyna: No Japão existem as j-songs, que variam entre os estilos, assim como aqui. Por exemplo: j-pop, j-rock. O som de vocês lembra as músicas de j-rock. Vocês conheciam esse "movimento" ou alguma dessas bandas? Caso conheçam, o que acham delas?

Nako: Na verdade, a fama que a gente conhece é que no Japão existe um mercado ...

forte para quase todos os estilos de música. O heavy metal é bem falado, o Brian Setzer é idolatrado, o punk rock lota casas de show. O que eu conheço acho muito bom, mas conheço só as coisas mais famosas, como Cobra, Guitar Wolf, Kemuri... Os japoneses do Japão são diferentes dos daqui. Quando eles pegam um instrumento para tocar, tocam mesmo. E parece que na terra do karaokê todo mundo já nasce cantando também. Não dá pra competir, né?

Minoru: Eu freqüento bastante karaokê aqui em Sampa, então sempre tem aquelas músicas j-pop que essa molecada fica cantando. Para falar a verdade, eu acho um lixo. Além das músicas, rola muita modinha, né? E fica um monte de japonês tudo igual em turminha. Eu acho ridículo, mas tudo bem, eles devem olhar pra gente e achar que a gente é ridículo também... E bêbados!

Kadu: Eu não conheço muito esse movimento, só ouvi falar em algumas matérias na TV, mas nunca fui a fundo.

Jhun: Vixe! Conheço o som japonês, tanto o j-pop e o j-rock, quanto o enka [som tradicional], até as músicas instrumentais, como shamisen, taiko, etc. Meu pai já teve karaokê, eu já toquei taiko, então convivi muito com o som, já cheguei até a cantar em campeonatos de ka-raokê japoneses, além de ter morado no total um ano e meio lá. No Japão é o seguinte: o som tradicional sempre rolou e sempre vai rolar. Hoje em dia, os jovens estão bem ocidentalizados, ouvindo muito hip hop, que é o som que mais pega hoje lá. A cena underground existe, mas em geral nos grandes centros, como Tokyo. Lá é como Nova York, onde cada um tem seu estilo, mas todos convivem um com o outro. O j-pop é, como o nome diz, pop, ou seja, todos conhecem, e o j-rock é o rock mais popular do Japão. O underground veio de fora, num estilo ocidental adaptado à cultura japonesa. Já o j-rock, apesar de ser rock, tem um estilo bem diferente, e na minha opinião criou-se aí um estilo genuíno oriental, tendo um estilo muito característico e que hoje vem ganhando espaço no mundo todo. Existem j-rockers que foram tocar na Europa, Estados Unidos, e recentemente veio um para o Brasil, chamado Miyavi. Apesar de não conhecer muito desses j-rockers mais novos, gosto muito de uma banda chamada L'arcenciel. Essa eu considero muito foda! O som underground mesmo eu não conheço muito, mas tenho um amigo que toca com japoneses nas noites de Tokyo. Eu pessoalmente não acho que o Slot pareça com j-rock e eu sou o único que conhece o estilo mais a fundo. Além disso, quando eu me incorporei à banda todas as músicas do "Little Room" já estavam prontas. Deve ser um lance espiritual essa semelhança.

Dyna: O fato de ter três descendentes de japoneses na banda muda alguma coisa na hora de gravar, compor e ensaiar? Isso tendo em mente que os orientais costumam ser muito mais organizados que nós ocidentais.

Nako: Ah, acho que não porque senão a banda estaria melhor (risos). Várias vezes a gente desmarca algum compromisso para ir ensaiar, aí chega lá e a gente fica uma hora esperando algum integrante da banda. Sempre falta um. Depois de muito esperar, a gente liga a cobrar porque ninguém nunca tem crédito no celular para ver se aconteceu alguma coisa. E o cara responde "Ué, tem ensaio hoje?"

Minoru: O nerd de todos aqui é justamente o baixista, que é ocidental.

Kadu: Não muda nada, pra falar a verdade. Esse mito dos orientais serem mais organizados, pelo menos no Brasil, essa geração dos sanseis já quebrou. São todos bêbados.

Jhun: O pessoal fica com medo da gente. Só xingam o Kadu no final do show.

Dyna: Em 2008 completaram 100 anos da imigração japonesa no Brasil. A banda já pensou em participar de alguma forma dessa celebração?

Minoru: Se nós tocássemos num evento desses todo mundo estranharia. Lá todos só querem ver o taikô, o karatê, o odori. Não rola banda de rock. Mas é legal ir para ficar comendo aquelas comidas gostosas e bebendo pra caralho. E vendo algumas japinhas gatas!

Dyna: Vocês bebem em diversas fontes, desde Elvis até Ramones. Como o público reage a esse caldeirão musical?

Nako: O Minoru escuta Ramones e eu escuto Beatles desde uns oito, nove anos de idade. Quem escuta Beatles com essa idade é um velho que curte a mesma coisa que o avô. E quem escuta Ramones com essa idade é um louco retardado assassino que cheira cola e vai morrer de overdose aos 14 anos. A gente estava acostumado com olhares estranhos faz tempo, mas agora tudo mudou. Hoje em dia existe uma receptividade muito maior. O punk rock tem um público grande e fiel e o rock'n'roll mais clássico parece estar voltando com força. Um exemplo disso são os relançamentos de músicas do Elvis, jovem guarda, Beatles, filme sobre o Johnny Cash, coletâneas, 77. São inúmeros exemplos.

Minoru: Bom, até hoje acho que o pessoal vem gostando. Acho que isso é legal no nosso som. Não é só o cara que curte punk que gosta, eu acho que curte rockabilly, os nossos amigos só porque são nossos amigos. Acabamos agradando todo tipo de público.

Kadu: O nosso som acaba agradando muita gente, independente de idade, estilo, talvez pelo fato das nossas influências serem onde tudo começou. A maioria das pessoas antes de seguir um estilo preferido começou escutando Elvis, Beatles, Chuck Berry, Jerry Lee Lewis, Ramones. E se não ouviu quase que certeza que as bandas que eles escutam hoje devem ter se influenciado por esses caras, seja nas músicas, na atitude, na maneira de se vestir.

Jhun: A receptividade e a aceitação são boas em diversos públicos, não sei por que, mas é.

Dyna: Sushi ou feijoada?

Minoru e Nako: Cerveja!

Kadu: Feijoada!

Jhun: Pó nutricional de frutas tropicais e barra

Ilustres desconhecidos

Fotos: Lane Oro

Imagine uma banda com influências bacanas, uma história longa, músicos autodidatas, e fazendo uso de toda a gama e sorte de referências dos filmes mais legais já feitos no universo cinematográfico (a mais visível, Stanley Kubrick e seu clássico "Laranja Mecânica", filme referência dos anos 70), bem como fazendo músicas que transcendem o passar dos anos e a estética rocker, punk, ou mesmo a década de 90, quando se deu o surgimento da banda.

A história começa pura e simplesmente pela amizade de seus integrantes – não pela busca de louros e glória, não pela uma gravação de álbuns junto a gravadoras, nem tão pouco para faturarem alguns trocados em shows – e prossegue assim até os dias de hoje.

É muito fácil discorrer sobre bandas que gravam, obtêm sucesso (mesmo que no underground) e fazem dezenas de shows por ano. E por que não olhar para uma banda que não tem nada disso, e mesmo assim tem tudo para estar na mesma situação dos exemplos anteriores?

Sucesso? Dinheiro? Reconhecimento? Não é nada disso que o TDOP está atrás. Talvez "a arte pela arte" seja o ideal mais emblemático para rotularmos o hoje trio – fazer o que se gosta sem se importar com as conseqüências vindouras.

Tudo começa em 1994, quando Igor (guitarra) e Snorks (baixo) tocavam juntos com suas primeiras bandas, covers de Kiss, Ramones, Stones, etc. Algum tempo depois, os dois estavam juntos no The Krents, banda de rockabilly e psychobilly que lançou um CD independente em 1997 pelo selo Baratos Afins.

Insatisfeitos com o rumo musical seguido pelo The Krants, decidiram em meados de 1998 montar um projeto mais autoral. A eles juntaram-se Freefall (guitarra) e Bruno (bateria). O início foi marcado pela influência sonora e estética sessentista e o primeiro nome sugerido para a banda foi Pinball Wizard, alusão a uma música do The Who. Mas bastou uma sessão do filme "Laranja Mecânica", de Kubrick, para definir a história da banda. Fascinados pela estética da película, encontraram finalmente um nome (primeiramente, Os Droogs), e trabalharam no aspecto visual e conceitual do projeto. É nessa fase que outros elementos sonoros entram no caldeirão de referências da banda, como a surfmusic espacial do Man Or Astroman?.

Em 1999, lançam o primeiro trabalho, a fita K7 "Os Droogs", que continha três músicas próprias e três versões (The Sonics, The Animals e Manfred Mann). Um ano depois sai o primeiro trabalho 100% autoral, já com o nome de The Droog Organization Project, assim como outra fita K7 "3'23 polegadas", com quatro músicas. É também no ano de 2000 que finalmente o TDOP se sente à vontade o suficiente para se apresentar em público, e os primeiros shows começam a acontecer.

Nesse período, a banda começa a editar um fanzine, o "NadSat", que vinha em versão impressa e também como e-zine, lançando sete edições e mais uma extra (um especial sobre a sétima edição do festival Goiânia Noise, em 2001). A linha editorial do fanzine sempre foi a de usar uma linguagem coloquial, como uma conversa entre amigos, indicar coisas bacanas e inusitadas pra se fazer na cidade, filmes, quadrinhos, etc. Os quatro componentes da banda sempre contribuíam com alguma matéria.

Em 2002, o TDOP lança seu terceiro EP, "Dezesseis Milhões de Cores", com seis músicas próprias. Nos shows desse período apresentam o EP na íntegra e sem intervalos entre as músicas. Nesse mesmo ano fazem os primeiros shows fora de São Paulo, no festival Viril, em Brasília, e ganham uma menção entre as melhores bandas underground do ano na revista Rock Press.

O ano de 2003 é marcado por pouca atividade, shows espaçados e projetos paralelos que culminam com a saída do guitarrista Freefall, em 2004. Como um trio, os Droogs lançam ainda em 2004 seu último trabalho até o momento: "Registros Lo-fi". A idéia principal deste lançamento foi registrar a identidade desta nova fase. O EP tem três composições da fase quarteto nunca lançadas ("Alex Warble", "Psicofoto" e "Vagalumelândia"), quatro inéditas ("Nada a Perder", "Attack Of The California Mountain Snake", "Descontrole" e "Super Mario Bros !"), e uma versão da "Imperial March" que só os Droogs poderiam fazer. As gravações foram feitas no velho de guerra Tascam Porta 7, fazendo com que "Registros Lo-Fi" entre com toda a certeza na lista de discos com menor orçamento da História.

De 2004 até 2008, pouca atividade. Os projetos paralelos ganham importância e se tornam projetos principais, chegando aos festejados "shows semes-

trais dos Droogs". Em 2006, gravam o single "Clube da Briga", nunca lançado (e no momento perdido pelo produtor). 2007 marca o lançamento do filho do Igor, Pedro, oficializado como "lançamento dos Droogs do ano". Esse ano é marcado também por ser o primeiro sem show dos Droogs desde 2000.

Para a comemoração de 10 anos, vários projetos foram pensados, mas infelizmente não saíram do papel. A banda voltou a ensaiar e continua a buscar locais para se apresentar de novo, mas a distância do circuito dificulta bastante as coisas.

A amizade entre os membros sempre foi e sempre será muito importante para o The Droog Organization Project, mais ou menos ativo. A certeza é que a banda continua.

Dynamite: Qual a impressão ao olhar para trás e enxergar 10 anos passados e ao mesmo tempo ser a banda mais desconhecida e avessa a um mercado feroz e cheio de promessas?

Snorks: Por mais que esteja difícil encontrar espaço em São Paulo para fazer shows e comemorando nossos 10 anos, estamos muito felizes, porque nunca fomos dois ou três em busca de desconhecidos para montar uma banda, mas sim quatro amigos que se juntaram para tocar. Em um dado momento, por razões óbvias, como trabalho, estudos e família, não nos víamos tanto quanto na adolescência, e os momentos de ensaios e shows sempre foram, acima de tudo, bons pretextos para nos encontrarmos. A conseqüência disso, com certeza, é um trabalho muito satisfatório para nós. Gostamos muito das nossas composições. Em termos de mercado, como nunca tivemos pretensão de fazer parte dele, não há expectativas nem frustrações. Nossa banda é muito mais um bom motivo para nos vermos e darmos vazão à nossa criatividade.

Dyna: Foram forçadas ou as referências cinematográficas em "Dezesseis Milhões de Cores" e no último CD, "Registros Lo-Fi", eram idéias desde o início da banda?

Snorks: As referências cinematográficas foram a idéia desde sempre. O conceito da banda, o nome inclusive, vem de "Laranja Mecânica", mas com a evolução da banda o conceito foi crescendo, entraram muitos filmes de que gostamos, e a idéia básica é sempre tentar transpor para a música o que sentimos quando vemos os filmes.

Dyna: Temos dezenas de exemplos de bandas que começaram há pouco tempo ou há um certo tempo e estouraram. Por que uma banda tão boa e cheia de ótimas músicas, além de um faro para inovação, não aconteceu ainda?

Snorks: Bom, aí temos que decidir o que é acontecer e o que não é. Mas entendo bem a pergunta. Acho que são vários motivos. Tivemos diversas fases na banda. Acho que no começo a nossa proposta era tentar "estourar", então a nossa primeira fita de 1999 tinha o motivo em ser realmente uma fita-demo, no sentido que isso tinha nos anos 90, ou seja: uma fita de demonstração para gravadoras, independentes ou não, conhecerem o trabalho, e quem sabe com o interesse de fazer uma gravação "boa" e lançar comercialmente. Depois de pouco tempo percebemos que isso não tinha nada a ver com a gente. Por isso começamos a tratar nossos lançamentos como EP's, como finalizados, não como demonstração, mas como "o disco" mesmo. De certa maneira, foi aí que as coisas começaram a acontecer, convites para shows, etc. Mas, mesmo nas fases de mais atividade, nunca fizemos muitos shows. Acho que parte disso é o fato de que os Droogs não se encaixam exatamente em nenhum grande rótulo. As bandas com quem dividíamos o palco, os festivais etc. De certa maneira nós não nos encaixávamos. Ou a gente era punk demais, ou punk de menos. Rock demais, ou de menos. Garageira, mas não exatamente garagem 60, nem garagem 90. Então nunca chegamos realmente a compor um público, pessoas que realmente se interessavam pela banda, nem mesmo nossos amigos se interessavam em ir aos shows. Aí vira aquele papo de "Não dá pra chamar os Droogs porque eles não trazem público". Ouvi isso de mais de um promotor de shows por aqui. Isso desanima um pouco. Acho que desanimou também o fato de a gente receber mais atenção pelo fanzine do que pela banda. Mas de qualquer maneira, mesmo quando recebemos um convite para gravar um disco por uma gravadora independente, recusamos. Vemos muito mais como uma questão de ponto de vista. Como nunca tivemos essa expectativa de "acontecer", no que diz respeito a atingir o grande público, nossa satisfação acontece com as coisas mais simples: ver os amigos nos shows, compor algo novo, conceber um disquinho novo. O Igor trabalha, digamos, na grande indústria fonográfica, e separa muito bem as duas coisas. É comprador da área de CD's da Livraria Cultura, que tem hoje um dos maiores acervos de música do País, e sinceramente não tem pretensão de ver nossos discos dividindo as prateleiras com os grandes de parada de sucesso.

Dyna: A formação musical dentro da banda é incomum no meio independente. Até onde isso foi determinante para que os membros do TDOP se preocupassem mais em inovar musicalmente em detrimento de mais shows?

Snorks: Não foi determinante em momento algum. Nenhum de nós teve uma formação musical elaborada ou nada assim. O Bruno nunca teve aula de bateria, o Igor nunca teve aula de guitarra. Eu e o Igor tivemos uns dois meses de aula de baixo no começo dos anos 90, o suficiente pra poder fazer alguma coisa. A verdadeira aula de música para todos na banda, inclusive a Mariana, foi exatamente tocar na banda. Acreditamos que o resultado da nossa música acaba causando uma impressão de algo diferente, em primeiro lugar porque ouvimos muita música, de vários gêneros, e também porque transmitimos no nosso som exatamente o que sentimos em relação ao que ouvimos, lemos e assistimos.

Dyna: O que motiva vocês três a continuar em frente, sem uma perspectiva maior no horizonte?

Snorks: A possibilidade de fazermos algo diferente, independente de chamarmos a atenção de 10, e não de mil, ou um milhão de pessoas, e principalmente nossa amizade. Nós, Droogs, somos imunes às crises quase con-

De volta após 8 anos de silêncio

By Kassa Vampiro

Fotos: [illegible] Gavazzi

Trazendo em suas veias o bem e velho punk rock/hardcore, está de volta a banda que surgiu em 1993 e já dividiu o palco com bandas conhecidas do cenário underground nos anos 90, tais como Dead Fish, Paura, Food 4 Life, Calibre 12, Sonique, Garage Fuzz, Lagwagon e Face To Face, entre outras.

Em uma rápida entrevista com dois de seus integrantes – Fabrício (bateria) e Denis (vocal e guitarra) – ficamos sabendo sobre as novidades desse retorno.

Dynamite: Qual foi a principal motivação para vocês trazerem o Vatos de volta à estrada?

Fabrício: O dinheiro (risos). Brincadeira! O [illegible] motivo foi a vontade de estar novamente com esse cara aqui, o Denis, para daí [illegible] ao nosso sonho.

Denão: O Gordo (Fabrício) é muito [illegible] (risos). Mas a oportunidade de levar [illegible] sagem positiva, unida a um som bacana, [illegible] to que seja uma grande motivação.

Dyna: Quais foram as razões para a banda ter acabado, há alguns anos?

Fabrício: Com a saída do Denis, ficamos desmotivados para continuar. Afinal, sem ele a banda não seria a mesma coisa. Até tentamos substituí-lo na época, mas ter o Denis na banda é fundamental.

Denão: Meu, que puxa-saco! (mais risos). Na real, eu saí, sim, mas não tive a intenção de acabar com o Vatos. Eu não consegui lidar com o Vatos e com a banda da Igreja, que havia [illegible] nhecido na época. A saída foi muitíssimo importante pra mim, pois pude conhecer mais a fundo algo que me deu sentido na vida – a bondade de Deus. Graças a Ele, acredito que hoje estou mais maduro para isso.

Dyna: A banda está de volta à cena com [illegible] formação original?

Fabrício: Não, temos um baixista novo [illegible] nando. A nova formação está assim: [illegible] na bateria, Denis no vocal e guitarra, [illegible] guitarra e Fernando no baixo.

Dyna: Vocês já possuem um CD gravado, [illegible] "Radio Affair". Como surgiu a idéia para a realização desse disco?

Fabrício: Foi o seg[illegible] Black Jack, estava lá [illegible] Rogério Ninhoo, [illegible] da gravadora Orphan [illegible] assistiu ao show, curtiu e chamou a gent[illegible] gravar um CD pela gravadora dele. Nós topamos, claro.

Denão: Além disso, [illegible] mesma época em que bandas como CPM, [illegible] Dead Fish lançaram também. Fomos no embalo (risos).

Dyna: Qual foi a maior dificuldade que vocês tiveram?

Fabrício: [illegible] banca e a gravadora lança.

Dyna: Com o retorno da banda, vocês têm algo especial em mente? Um novo projeto?

Fabrício: Queremos [illegible] coisas novas, em português agora.

Denão: E também com mensagens positivas.

Dyna: Em dezembro do ano passado, vocês dividiram mais uma vez o palco com uma grande banda, o Face To Face. Como foi?

Fabrício: Foi maravilhoso, uma emoção muito [illegible] Afinal, tocar com a banda que é a nossa [illegible] ência é algo indescritível.

Denão: [illegible] ar com meus ídolos foi algo inacreditável, pois nunca me imaginei tocando com eles. Simplesmente fantástico! Queria agradecer ao Cesinha, da Highlight Sounds, pelo convite para esse show.

Dyna: E shows? Algo já marcado?

Fabrício: No momento ainda não. Estamos trabalhando em músicas novas.

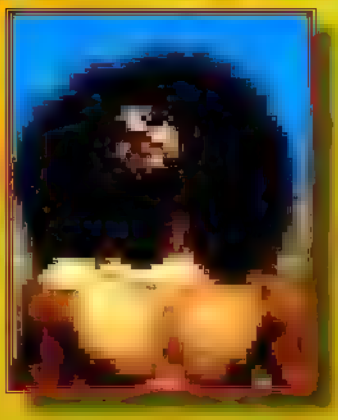
Dyna: Na [illegible] vocês, como está a cena underground [illegible] atualmente?

Fabrício: [illegible] na visão do Vatos, não mudou [illegible] de quando começamos na estrada, [illegible] algumas coisas que facilitam [illegible] internet e novas casas de shows, por exemplo. O acesso às gravadoras e rádios ainda é muito restrito e difícil, porque eles só querem saber das músicas comerciais. [illegible] bandas do underground ainda batalham [illegible] espaço na cena.

Denão: [illegible] está correto o Gordo. Mas eu também [illegible] que está faltando um algo mais. Tem muita banda parecida, sem querer criticar negativamente, mas com enormes potenciais. Não que o Vatos seja diferente, mas, percebendo isso, tenteremos na simplicidade de sempre fazer algo [illegible] a mesma pegada, a de sempre.

QUER UM EVENTO LEGAL?

A Associação Cultural Dynamite, com o apoio do PROAC - Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo, com a produação do Dynamite Pub, estará realizando 3 projetos durante o primeiro semestre de 2009. Cada projeto contará com a realização de 5 eventos e estamos nesse período buscando parceiros locais.



A ORIGINAL DANÇA DE RUA

POR NELSON TRIUNFO

(Tour Interior de São Paulo 2009)

ARQUIVO DO ROCK BRASILEIRO

(Tour Interior de São Paulo 2009)

ABDU$OM HIP HOP

Técnica de Produção e Mixagem para DJs

Para a realização dos projetos, necessitamos apenas da infra-estrutura do local e dos custos com transporte.
Para maiores informações e condições entre em contato com Hanilton Scofield - hanilton@dynamite.com.br (11) 9767-8150.

DYNAMITE PUB

DYNAMITE
www.dynamite.com.br

Projeto realizado com apoio
PAC
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ

Grande nome no underground

By Rodrigo "Khall" Ramos e Leandro Gavazzi

Fabrício (Vatos), Kid [illegible]e), Leandro (Pentacrostic), Cristiane & Fabião

Fotos: Ricardo Rizzo & reproduções internet

Figura conhecida no cenário metal, Fábio Jhasko, mais conhecido como Fabião, falou com a Dynamite sobre sua carreira musical, que vai do metal à música erudita, com passagens pela banda Sarcófago e participação do novo álbum do Pentacrostic, e ainda fazendo parte Orquestra Filarmônica, que faz parte do conservatório Villa Lobos. Acompanhe a entrevista exclusiva abaixo:

Dynamite: Vamos começar falando sobre quando você começou a tocar, da sua primeira banda.
Fábio Jhasko: Certo. Você quer dizer a banda Klamor, né? A banda Klamor é uma continuação de uma antiga banda de colégio que a gente fazia sem muita pretensão, que não vale nem a pena falar o nome. Aí o Zé [J.F. Wooden] já era um batera conhecido aqui na região, e falavam "O Zé toca pra caralho. Vocês vão tocar com ele, bicho?". Estávamos procurando batera. Nessa época existia a banda Kataclisma. O metal no Remédios era isso, e tinha aquela coisa: o Megatherio tava detonando lá na Leopoldina e tal, e a gente tinha contato com os caras, que nos influenciaram pra caramba, etc. Chamamos o Zé, ele topou. De repente tava eu e o Zé, que hoje é tatuador e já foi do Pentacrostic [gravou o "De Profundis"], e formou-se a banda Klamor, onde só faltava baixista, porque o Henrique também logo saiu. Nós arrumávamos um e na outra semana já pulava fora. Aí os caras do Kataclisma, que eram o Tchello na guitarra, o Marcão no baixo, o Marcelo na batera e o Paulo Cabelo na voz [ele também gravou teclados no "De Profundis"], quando o Marcelo saiu, resolveram se juntar com a gente, mas também fizemos somente uma apresentação. Aí que o Sidney, do Skullkrusher, começou a freqüentar o ensaio da gente, e aí coisa e tal, "conhece isso, conhece aquilo, vamos fazer um teste lá, vamos ver se a gente faz um som". Aí eu falei "Vou dar uma força lá pra vocês, fazer uns shows etc", mas no primeiro ensaio os caras já intimaram: "Seguinte, você vai dar uma força pra gente ou vai ficar? Vamos decidir logo". Então decidi ficar, porque que o Klamor já estava dando problema. Fui pro Skullkrusher e pegamos a estrada uma época aí.

Dyna: Qual era a formção?
Fábio: Skullkrusher era o nosso querido André "Guber". Ele era baixista ainda, até hoje ainda vejo ele como baixista (risos). O Sidney na guitarra e vocais e o Rogério na batera. Nunca mais ouvi falar desse cara, dizem que virou empresário, mas não tenho mais notícia dele.

Dyna: Como se deu sua entrada no Sarcófago?
Fábio: Os caras que fazia parte do Pentacrostic na época, o Alan (Jabá), o Marcelo Sabiá, tudo da área, sempre aquela amizade, ouviram uma entrevista no Comando Metal que os caras do Sarcófago estavam procurando guitarrista e eu já tava pra sair do Skullkrusher na época que saiu o disco "Rotting". Pô, Sarcófago, você tá louco. Sarcófago é pedreira. Pedreira mesmo, não podreira. Fui convencido a mandar uma fita lá para os caras, mandei uma demo do Skullkrusher. Mandei lá para o Wagner sem esperar mais nada. Em pouco tempo chegou uma carta do cara, dizendo "Porra bicho, essa demo é demais, os solos são muito bons". Não sei onde que ele viu coisa boa aí, até hoje eu não sei (risos). Marcamos de se encontrar em BH, não tinha nada a perder. Conheci o João lá de Cogumelo, e a Pati. Fizemos um ensaio e eu fui chamado para fazer parte da banda. O Wagner nessa época já tinha mudado pra Uberlândia, a gente fazia os ensaios lá. Daí o Manu [Joker], que era o batera na época do Rotting, ensaiou pouco naquele tempo, a gente teve as três apresentações com o DRI em São Paulo. O Joker tocou nessas três apresentações e falou que tava deixando a banda. Justo quando estava tudo indo bem. O Wagner tocou no domingo de olho roxo (risos). A saída do Manu nos deixaria um bom tempo inativos, mas logo ele arrumou um cara, o Oliver lá de Araguari, um cara q tocava nas bandas lá, não digamos um free-lancer, assim, porque tocava mais pelo prazer de tocar, e acabou entrando na banda assim. Começamos a ensaiar na casa dele lá em Araguari mesmo, [illegible] gente se embebedava e fazia horrores lá. Então basicamente é isso. Depois que o Sarcófago engrenou, ficou o Oliver e começamos a fazer os shows e pegar a estrada mesmo. E, é claro, a gravação do "The Laws Of Scourge".

Dyna: Qual disco veio primeiro? "The Laws..." ou "Crush, Kill, Destroy"?
Fábio: Na verdade, foi tudo feito na mesma sessão no estúdio, mas o "The Laws..." foi o primeiro. O "Crush, Kill, Destroy" seria um EP com bonus set, na verdade um remix de duas músicas, e o complemento era "Crush, Kill, Destroy" e "Little Julie", que acabaram fazendo parte na edição do CD, tanto é q a gente foi fazer o show em BH para o lançamento do "Crush..." e a gente esqueceu de tocar as duas músicas. O repertório estava tão tatuado na cabeça que a gente esqueceu de lançar as duas músicas que eram inéditas, "Secrets Of A Window", que era do "The Laws...", entrou no EP remixada, era a "Crush Kill...", a faixa-título. Rolaram algumas apresentações no exterior, fomos para a Europa, mas cancelaram uma porrada de show lá.

Dyna: Como foi a gravação desses discos?
Fábio: Foi uma gravação a base de ressaca (risos). Mas foi uma escola, aprendi muito naquelas sessões de estúdio, com o profissionalismo dos caras. Eu até então só havia gravado algumas demos de baixo orçamento, com tempo de estúdio limitado, etc.

Dyna: Quando se fala desse disco, falam que você que gravou as guitarras dele e o Wagner fez o vocal. Qual foi a verdade mesmo?
Fábio: Essa é a verdade nua e crua. O Gauguin, que era o engenheiro de som, disse "Cara, você que já está com a guitarra na mão, já faz, dobra logo de uma vez e pronto". E aí o Claudio, do Overdose, fez a produção e o Eugênio, do antigo Dead Zone, fez a linha dos teclados. A mudança de logotipo foi estranha demais. Também teve mudança no som, claro, um pouquinho mais elaborado.

Quarteto de Violi...

para estudantes, apesar de muitos feras fazerem parte dela. Na verdade, estão chamando de filarmônica agora porque não está patrocinada, porque sinfônica tem que ter patrocínio. Então é mais um aprendizado mesmo, porque passa muita gente boa por lá, muitos profissionais naquela orquestra.

Dyna: Quantos músicos têm?
Fábio: Aí é difícil calcular. Diria que uns 50 ou mais, isso quando vão todos (risos).

Dyna: E o que é mais difícil, lidar com uma banda de quatro pessoas ou uma orquestra?
Fábio: A questão da orquestra é mais com o maestro, ele paga o sapo pra todo mundo, entrou é ele mesmo que fala, e ele fala bastante. Orquestra é tanta gente que não dá nem pra cumprimentar direito, a gente cumprimenta um ou outro assim, que é do mesmo naipe, mas sempre tem gente nova ali no naipe das cordas que eu não conheço e às vezes a gente nem se fala, que dirá de outros naipes de metais, madeiras, percussão.

Dyna: Você está desde quando ali?
Fábio: Estou na orquestra já desde 2004 mais ou menos.

Dyna: E depois disso, o que você começou a fazer com o metal, além da gravação o novo CD do Pentacrostic ou do U-Ganga?
Fábio: Na verdade, já estava rolando o lance de Tributo ao Sarcófago.

Dyna: Taí uma coisa legal de se falar também, como foi que rolou o Tributo ao Sarcófago?
Fábio: O Tributo foi que em BH os caras das antigas que curtem o Sarcófago estavam cobrando um possível retorno da banda. Falavam pra gente tocar em festivais que surgiam, como o Warfare Noise Festival, que ia ser do caralho e tal. Então o Gerald e o Manu "Joker" resolveram encarar junto com a galera de Uberlândia, o Guilherme e o Mark, da banda Krow, e o Juarez "Tibanha", que era baixista do Cihrrosis e agora é o atual vocalista. Os caras decidiram fazer essa parada, que o João, da Cogumelo Records, daria um apoio. Eles tiveram uma boa aceitação, então por que não continuar? Aí o Manu e eu nos encontramos através a internet, nem lembro como, se fui eu que entrei em contato com ele... Maldito Orkut (risos). O Gavazzi [Pentacrostic] não me aceita nem fodendo, mas é foda. Então o Guilherme foi fazer umas apresentações na Europa e eu assumi o posto. Tocamos em Uberaba, o Gerald no baixo, Manu na bateria, Mark na guitarra, Tibanha na voz e eu na outra guitarra. Foi uma das melhores apresentações.

Dyna: Sobre o Tributo ao Sarcófago, vocês tocaram no Peru?
Fábio: Foi no Chile, com o Possessed.

Dyna: Isso uns 12 anos depois que vocês tocaram como Sarcófago, com você fazendo o vocal.
Fábio: Uns 14 anos mais ou menos, mas e... e essa sim foi lá no Peru, acho que foi em 1994. Depois tocamos no Chile nessa mesma época quando tínhamos já cortado os cabelos (risos).

Dyna: E como você foi parar no vocal?
Fábio: Bicho, aí tem que agarrar o boi pelo chifre, não tem jeito.

Dyna: Mas era pra ser os quatro?
Fábio: Apresentação normal, mas não tinha jeito de voltar atrás, senão todo mundo sairia no prejuízo.

Dyna: Mas como colocaram você no vocal?
Fábio: Falei "Já que depende de mim, vamos tentar". Aí saiu aquela bosta que você viu lá no YouTube, no Emule, aquela porra.

Dyna: Mas aí saiu em DVD também?
Fábio: Saiu o DVD, mas acho que não é oficial. De qualquer forma não receberia um puto ao quer de direitos autorais mesmo (risos).

Dyna: Falando de outra banda, você fez participação no CD do U-ganga?
Fábio: Ainda não, está por vir.

Dyna: Mas você já fez a participação ali?
Fábio: Não, ainda não.

Dyna: Na internet diz que você foi convidado.
Fábio: Sim, mas isso é para o próximo LP dos caras, e eu vou fazer uma faixa com violino, logo entraremos em estúdio. O nome da faixa será "O Primeiro Inquilino".

Dyna: E como você chegou a fazer alguns solos no novo CD do Pentacrostic?
Fábio: O Marcelo "Franja" Sanctum e o Leandro já eram meus amigos de muito tempo, sem contar o Guber, que já tocou comigo.

Dyna: Quais são os seus planos daqui pra frente?
Fábio: Bem, são muitos, são tantos que não consigo nem citar. Basicamente, o mesmo de sempre, escrever, gravar, apresentar, crescer humildemente, é claro, e sem esquecer minha parte na música erudita, sou professor também, dou aulas de violino, guitarra, violão. Tenho que aproveitar a mídia grátis aqui também, não é? (risos).

Dyna: E você tenta trazer essa parte de filarmônica para o meio metal?
Fábio: É o que eu mais penso. Estou tentando fazer isso, inclusive, pensando seriamente em fazer um projeto com o maestro Sueldo, mas isso

Dyna: E depois do Sarcófago, o que você chegou a fazer?
Fábio: Depois do Sarcófago eu comecei a tocar numa banda de Pirituba chamada Insanity Kulture, de heavy tradicional, com um brother meu aqui, o Marcos "Dubiá", que hoje está com o pseudônimo de Roger Grave (não é "greive" é "grave" mesmo). A gente está gravando um disco agora. O lance dele é mais Whitesnake, hard rock assim, e no Insanity eu até propus para os caras gravar uma demo, falar com o João se ele nos gravava. Mas não rolou. Existe sempre desculpa pra isso, pra aquilo. Daí o André Luiz [guitarrista] foi para o Japão, o Jr. [baterista] também se mudou para o interior [o baixista Beto era irmão dele], e a banda acabou. Logo depois rolou um projeto, novamente o Zé na bateria e o Christian, do Spell Forest. Ia chamar Sad Symphony, mas não passou de uns poucos ensaios. Toquei baixo uma época também com um guitarrista amigo meu, o Terry, mas nossas propostas musicais não batiam muito e então paramos. Depois eu fui fazer um cover de heavy metal aqui do Remédios mesmo. Aí eu estava fazendo o vocal (risos). Isso aí era com o Toninho "Loud", um ex-aluno meu, guitarrista aqui da região, mas também não virou nada. Aí depois disso decidi encarar a música mesmo. Não sei fazer outra coisa na minha vida. Decidi encarar, estudar, virar músico profissa. Fiz conservatório de violino com o professor Alceu Jr. Depois, no mesmo instituto (F.I.T.O.), estava rolando faculdade de música. No começo ainda pensei que faculdade seria pegar demais, mas o pessoal incentivava e falva que valeria a pena. O professor de violino tocava no Quarteto de Cordas do Municipal, 94 anos, alemão, nascido no início do século XX, chegou aqui no Brasil em 1939, dizem é foragido da Segunda Guerra, mas ele mesmo fala que não, que nem tinha notícias dessa época. Mas o mundo já estava em pé de guerra. Ele é natural de Dresden, cidade da ópera que foi destruída por Hitler. Inclusive, ele apertou a mão de Hitler antes de ele ascender ao poder em um evento onde tocou, pois Hitler supervalorizava as artes, em especial a música. Mas o professor mesmo diz que odeia ditaduras e que não tem nada a ver com o nazismo.

Dyna: Lembra o nome dele?
Fábio: Naturalmente. É Johannes Gebert... vivo ainda, saúde de ferro, homem... grandes educadores da música... e foi amigo nada mais nada menos que Villa-Lobos! Nisso formam... o Rosner, que tem altas... da época... de jeito nenhum, a Manuela, a Rosa... tocar um repertório barroco. Depois entrei... tocar violino na Orquestra Filarmônica... parte do conservatório Villa-Lobos. É uma...

Com tudo em 2009

By Maira Hirose

Fotos: divulgação

Ótima notícia para os fãs dos cariocas do Supercordas. A banda lançar novo álbum esse ano. E o quinteto – formado por Pedro Bonifrate (vocal e guitarra), Diogo Valentino (vocal e baixo), Filipe Giraknob (guitarra e efeitos), Kauê Ravaneda (guitarra) e Digital Ameríndio (bateria) – já começou os preparativos do seu novo disco, o terceiro de sua carreira, que deve ser lançado no primeiro semestre de 2009.

Criado no ano de 2003, no Rio de Janeiro, o Supercordas começou a ganhar espaço na cena musical há algum tempo ao apresentar um trabalho diferenciado, que une diversos estilos musicais, que vai do psicodelismo de Pink Floyd e dos Mutantes (gênero, que inclusive, é predominante no trabalho da banda) à mpb do Clube da Esquina (de Milton Nascimento e Lô Borges) e de Zé Ramalho, com toques do experimentalismo de krautalemão, Stockhausen e Acid Mother's Temple.

Isso rendeu ao grupo, desde estão, aparições nos principais festivais do País, entre eles, o Calango (MT), o Bananada (GO), o Coquetel Molotov (PE) e na primeira edição do mega-festival Planeta Terra. Mas como a vida não é só feita de glórias, principalmente quando se trata de trabalhar e viver de arte no Brasil, os cariocas continuam na labuta com muito afinco e devoção. Tanto que o grupo já começa 2009 com participação garantida nos festivais Humaitá Pra Peixe (RJ) e da Alavanca (SP), e pretende promover outros feitos. Quer saber mais? Leia aí:

Dynamite: Quando e como nasceu o Supercordas?
Pedro Bonifrate: A banda foi fundada em 2003, como um trio. Na época, eu, o Diogo Valentino e o Regis Arguelles compúnhamos o Supercordas, sem bateria humana, mas logo vimos que precisávamos nos expandir. O nome faz referência a uma teoria física que propõe que toda a matéria do universo seja gerada pela vibração de cordas unidimensionais, como em uma grande orquestra cósmica.

Dyna: Como é pertencer à cena independente? Qual a saída encontrada pelos membros do Supercordas para conseguir prosseguir na carreira musical?
Bonifrate: Não estou certo sobre a existência de uma "cena independente" nos dias de hoje, e muito menos sobre se tratar de um nicho. O que antes poderia ser uma cena, atualmente me parece ser um conjunto de movimentos fragmentados e esquizofrênicos, apesar de amplos e numerosos, com algumas tendências lá e cá, mas ainda muito desbaratadas. A facilidade com que se faz e se distribui música hoje está para mudar completamente o modo como essa coisa toda funciona, e é difícil ainda sobreviver com música neste meio. Talvez muitas bandas estejam encontrando essa tal saída, mas eu diria que nós ainda estamos procurando.

Dyna: Todos da banda vivem somente da música, seja direta, seja indiretamente, ou pela dificuldade que é viver de arte no Brasil desenvolvem outras atividades profissionais, além do Supercordas?
Bonifrate: Desenvolvemos outras atividades, sim. Eu faço pós-graduação em História Moderna, o Ameríndio em Psicologia, o Valentino trabalha com som, o Giraknob com divulgação de eventos e o Kauê está se formando em Jornalismo. Além disso, agora estamos com nosso Musgo Estúdio aqui no Rio, que funciona tanto comercialmente para gravações e ensaios, quanto como um grande laboratório experimental para nós mesmos e outras bandas mais chegadas. O grupo não deixa de ser uma prioridade para todos nós, mas acaba tendo seus limites, principalmente de tempo, por causa das outras atividades que temos que tocar para frente. Ao invés de ficar reclamando que é difícil sobreviver como uma banda independente, o melhor é ir levando tudo com o máximo possível de disposição e humanidade.

Dyna: Quais as vantagens e desvantagens de pertencer ao underground?
Bonifrate: Bom, acho que o mundo underground cresceu tanto que fica difícil falarmos num mundo que não seja underground. Tem um pessoal por aí que ainda ganha rios de dinheiro com música, recebe gordos orçamentos para gravar discos, tem contratos com as chamadas "grandes gravadoras", joga a televisão do hotel pela janela... Mas quem são eles mesmo? Todos me parecem musicalmente irrelevantes. O poder da música brasileira, hoje, sofre um certo abatimento com a falta de unidade e com o relativo anonimato dos nossos maiores letristas, compositores e músicos. Mas isso não quer dizer que não existam, mesmo que não sejam apontados ou percebidos por toda essa cultura midiática-industrial idiotista e viciosa que devíamos sentir orgulho de abandonar completamente. É preciso de alguma forma eliminar esses intermediários, chegar diretamente ao público, que também precisa se libertar dessa existência massificada no qual lhe é imposta. Muita gente tem conseguido chegar diretamente ao público de algum jeito, ao que parece. Mas no geral, ainda estamos virando uma curva e o que vem depois é imponderável.

Dyna: Qual a importância que os festivais exercem e exerceram para a carreira do Supercordas?
Bonifrate: Como eu disse, todos os festivais em que tocamos foram experiências incríveis e talvez a melhor forma de espalhar nossa música pelo País.

Dyna: Bom, agora, vamos falar um pouco do trabalho de vocês. O trabalho do Supercordas é marcado pela mistura de estilos, com a predominância, claro, do rock'n'roll, principalmente dos anos 60 e 70, agregado a outros subprodutos do gênero mor que rege a produção da banda, certo? De qual fonte o grupo bebeu e que resultou nesta linha de trabalho?

Bonifrate: Realmente não sei se é por aí. Não sei se predomina o rock'n'roll. Temos um pé afundadíssimo nele, mas muito do que fazemos está além, em termos tímicos e harmônicos. O próprio termo rock'n'roll já não me parece poder indicar nada específico em relação à música, talvez pela própria diversidade da categoria. Sei que nossa música é uma tentativa de síntese de duas grandes tradições, que não necessariamente andaram separadas nas últimas décadas. Uma é a da canção brasileira, que se modifica e se enriquece com o contato com outras tradições cancionistas, e a outra é a da música que incorpora os timbres e as cores dos sons, não apenas as concepções clássicas de harmonia, ritmo e melodia. Mas sim, ouvimos muito rock sessentista e setentista, gringo ou brasileiro, são grandes inspirações as obras psicodélicas do Pink Floyd, do Beach Boys, dos Mutantes, do Clube da Esquina, de Lula Côrtes e Zé Ramalho, mas também as mais recentes, de bandas e artistas como Spiritua-lized, Super Furry Animals, Beck, Flaming Lips, Olivia Tremor Control. Sem falar na música mais direcionada à experimentação, seja kraut alemão, Stockhausen ou Acid Mothers Temple, e hoje em dia acho que somos mais influenciados do que nunca pelos artistas que nos rodeiam, então não posso deixar falar n'Os Telepatas, Stan Molina & O Departamento Celeste, Filme, Teclas Pretas, Lulina, Cérebro Eletrônico, Acessórios Essenciais e muitas outras que certamente estou me esquecendo de citar.

Dyna: Até agora, vocês contam com alguns discos gravados. Como foi a produção desses trabalhos?

E em relação ao novo disco, no que ele vai se assemelhar ou se diferir dos anteriores?

Bonifrate: Na verdade, o nosso material gravado é composto por dois EP's, um LP "Seres Verdes ao Redor", de 2006, o single "Ruradélica", também de 2006, e o mais recente, "Mágica", de 2008. Os dois primeiros EP's, "A Pior das Alergias", de 2003, e "Saté-lites no Bar", de 2005, são caseiros, gravados com um porta-estúdio magnético de quatro canais. O primeiro LP, "Seres Verdes ao Redor", já tem uma produção um pouco mais elaborada, as baterias e algumas outras coisas foram gravados nos estúdios da Trama, em São Paulo, e finalizamos em casa com um pouco mais de recurso que os anteriores, mas não tanto assim, também. Foi mixado nas duas caixas do meu som Aiko dos anos 80, com microfones e amplificadores que deixavam bastante a desejar. Esse novo vai ser na certa um passo a frente, tendo nosso próprio estúdio para trabalhar, o Musgo, sem grandes limites de tempo e grana e tudo mais. Além disso, a atmosfera e a temática desse novo álbum vão ser bem diferentes do primeiro. Vai ser mais elétrico, mais dinâmico, mais esquizofrênico.

Dyna: Aliás, vocês pretendem lançar este novo disco do Supercordas no primeiro semestre de 2009. No momento, em que pé anda a produção do mesmo?

Bonifrate: Sim, é a idéia. Estamos ainda começando a gravar e o plano é que esteja todo gravado nos próximos dois ou três meses.

Dyna: Como vem sendo para vocês, após quase dois anos sem gravar novo trabalho, produzir este novo CD?

Bonifrate: Dois anos, para nossa média, é muito tempo de intervalo entre um álbum e outro. Talvez o fato de termos uma banda a sério e a necessidade de se produzir com mais sofisticação tenha derrubado um pouco nosso ímpeto criador mais quantitativo, que talvez fosse mais forte antes dos tempos de Supercordas. No entanto, no fim acho que vai valer a pena. Vai ser uma grande epopéia sônica, muito bem pensada e conceitualizada. Além do mais, pretendemos começar a gravar outro, pouco depois de terminar esse, para compensar esse tempo todo sem lançamentos. Quem sabe não terminamos outro disco até o fim de 2009?

Dyna: Neste novo disco, o Supercordas pretende seguir a mesma linha de inspiração, em termos de temática das canções, ou não? Por quê?

Bonifrate: Falam rigorosamente sobre qualquer coisa. Gosto de pensar que somos expedicionários musicais. Gostamos de fazer discos que experimentem temas e atmosferas distintas, cada um decorre de uma nova exploração lírica e musical. O "Seres Verdes" foi um reconhecimento do que existe de humano nos vegetais e na vida inerte do mundo rural, esse novo deve ser mais aberto tematicamente. Falamos do que existe de humano num elefante, do declínio da mídia magnética, da vida sobre um planeta, que é de fato, um grande ímã, e do apocalipse eminente.

Dyna: Além do lançamento do disco novo da banda, quais são os planos futuros do Supercordas para 2009?

Bonifrate: Estamos nos programando para tocar bastante em lugares legais, como Sescs, teatros, etc. Vamos começar bem o ano com o festival Humaitá Pra Peixe, realizado aqui no Rio; depois seguimos com o festival da Alavanca, que acontece no Centro Cultural São Paulo, aí em São Paulo. E, quem sabe, gravar o tal terceiro álbum.

Dyna: O que é melhor: fama ou reconhecimento?

Bonifrate: Não vejo como podem ser diferentes, são parte do mesmo movimento. E também não sei se posso dizer que somos famosos ou muito reconhecidos. Posso dizer que é muito legal ter nossa música bem reconhecida por críticos por aí afora e saber que um pequeno, porém crescente, público e que gosta muito do nosso som.

Dyna: Qual a dica que vocês dão para os que estão começando hoje?

Bonifrate: Não sei se temos propriedade para dar dicas, pois nós sempre escolhemos trilhar os caminhos mais difíceis. Poderíamos ser uma banda de electro com batida eletrônica e uma guitarra, o que tornaria muito mais fácil e barato viajar, ou cantar sobre sexo sujo em inglês e nos vestirmos como modelos de Nova York, ou mesmo alisar os cabelos e cantar sobre ser um jovem amoroso e carente, mas não dá. Temos que ser nós mesmos. Dizer que as bandas devem encontrar uma identidade própria e criativa pode ser uma boa dica, mas talvez seja vazia se o que se quer é fazer muito sucesso e viver de música e ganhar capas de revistas. Nós ainda acreditamos que algum reconhecimento, mesmo futuro, mesmo que pouco dilatado, porém intenso, vai valer a pena termos criado, nada mais, nada menos, do que aquilo que escolhemos criar.

COXINHA

De Curitiba para o mundo

By Herik Correia

A Dynamite preparou uma entrevista exclusiva com um dos músicos que mais agita a cena musical curitibana: Ricardo Huczok, mais conhecido pelo codinome Coxinha e ainda pelo nome artístico Mutant Cox.

Coxinha é um multi instrumentista de muito talento. Assim sendo, toca em várias bandas de estilos variados e quem têm grande influência na cena rocker da capital dos pinheirais Curitiba. Confira o que ele tem a dizer:

Dynamite: Você é de Curitiba? Se não, de onde é?

Coxinha: Naturalmente, sou de Recife. Vim para Curitiba com sete anos de idade, depois morei um tempo em São Carlos/SP, voltei mais um ano pra Recife, e desde os 12 ou 13 anos, mais ou menos, vivo direto em Curitiba.

Dyna: Como veio para cá e como descobriu a cena underground da cidade?

Coxinha: Minha família sempre mudava de acordo com o trabalho do meu pai, por isso que moramos em todos esses lugares e acabamos voltando para Curitiba. Desde muito jovem fui fissurado por rock'n'roll, então quando voltei pra cá estava com os meus 13 anos, toquei em algumas pequenas bandas com amigos, e comecei a curtir muito punk rock; foi quando montei o AZT no começo de 1995 com alguns amigos de Guaratuba/Coroados, então em Curitiba. O André [Tobler, irmão de Maurício, vocalista do AZT] nos levou pela primeira vez no Lino's Bar, e ali que eu comecei a ter um maior contato com o underground. Daí em diante estive sempre envolvido com bandas, shows e tal.

Dyna: Quantos e quais instrumentos você toca?

Coxinha: Quatro: guitarra, baixo acústico, bateria e violão.

Fotos: divulgação

Dyna: Você já tocou em quantas bandas que já não existem mais, quais instrumentos e o qual era o estilo de cada uma?

Coxinha: Vixe Maria... Essa ficou difícil, mas já devo ter tocado em mais de 15 bandas. Antes do AZT toquei guitarra em algumas bandas pequenas como uma de punk rock chamada Jumpin' Potatoes. Pouco depois do AZT toquei guitarra também pouco tempo com o Bloom e o Plastic Fish, de rock alternativo. Ainda toquei bateria no Resíduo Fecal, de hardcore/punk, depois guitarra por um bom tempo no Los Bandidos, de psychobilly, e baixo no Ovos Presley, também de psychobilly - essa ainda toca, e muito -, foi quando eu já estava dominado pelo psychobilly. Quase na mesma época também comecei a tocar batera n'Os Cervejas que também ainda toca, mas bem de vez em quando. Então começou Os Catalépticos, de power psychobilly, no final de 1996, e que no começo de 1997 me chamaram pra tocar a bateria. Depois disso, ainda fiz guitarra e vocal no Psycho Classics, de psychobilly, e que também ainda toca bem de vez em quando, guitarra no Surf Classics, que logo virou Maremotos, de surf music instrumental, que no momento está meio parado. Toquei guitarra também nos Rueiros, de punk/ska, bateria e baixo acústico na banda V8, de rockabilly, que ainda toca, mas com outra formação, batera no King's Tone, de ska/rocksteady/reggae, que no momento também está meio parado, e cheguei a fazer alguns shows com um tributo acústico a Johnny Cash, que faz um tempinho que não faço também.

Dyna: Atualmente, em quantas bandas que você toca, quais instrumentos e o qual o estilo de cada uma?

Coxinha: Atualmente em atividade, toco violão e canto no Hillbilly Rawhide, que faz uma mistura de hillbilly, country, western, bluegrass, boogie woogie, blues, rockabilly, psychobilly e rock'n' roll. Toco baixo acústico e vocal no Sick Sick Sinners, que foi a banda que comecei com o Vlad no final d'Os Catalépticos. Tocamos um psychobilly também nervoso, porém um pouco diferente d'Os Catalépticos, com mais misturas, eu acho. E também desde o começo de 2008 estou tocando baixo acústico no Frantic Flintstones, que é uma lendária banda de psychobilly inglesa dos anos 80, e que agora está instalada em Curitiba, com a formação que tocamos no último

Psycho Carnival, que estava com o nome de Chuck & The Brazil Crack Pipes, só que agora se chama Frantic Flintstones mesmo. No momento, só estou tocando com essas bandas. De vez em quando quem sabe pode rolar de fazer alguma coisa com o Maremotos, ou Psycho Classics, AZT, Cervejas, King's Tone... Mas já faz um bom tempinho que não toco com essas bandas.

Dyna: Você considera algumas dessas a principal/principais?
Coxinha: É difícil escolher. Estou muito satisfeito de poder tocar no Frantic Flintstones, que é realmente algo que nunca imaginei que fosse acontecer, e de um estilo que muito me agrada, o Psychobilly, clássico, com muita influência de Country, Rockabilly, Rock'n'Roll, um pouco de Punk Rock e até Ska e Dub, ou seja, só coisa boa! Além também do fato de que a banda sempre foi uma das minhas maiores influências, é muito louco estar tocando nela agora. Mas apesar disso, também me sinto muito realizado de poder continuar com as 2 bandas que toco dos 2 dos estilos que mais gosto, Psychobilly com os Sick Sick Sinners, e Country Music com o Hillbilly Rawhide. Então fica difícil... Pra mim as 3 são as principais!

Dyna: Você consegue viver somente de música hoje em dia?
Coxinha: Sim, tenho sorte de poder tocar alguns instrumentos e estilos variados. Não estou tocando em uma só banda, faz muitos anos que isso não acontece... Talvez isso me ajude a poder me sustentar com a música. É difícil, nem sempre tem shows, mas pelo menos faço o que gosto, sobrevivendo disso! E pra mim é isso que importa.

Dyna: Conte alguns fatos curiosos que aconteceram em shows que tocou.
Coxinha: Vixe... Outra difícil... Acontece quase todo dia! HAHA! Mas lembrando de coisas mais recentes, outro dia tocamos com o Sick Sick Sinners aqui em Curitiba (era pra ter sido com Os Replicantes, mas eles cancelaram na última hora), e estava chovendo muito forte, e no palco uma goteira enorme que fazia uma pequena cachoeira do começo ao fim do palco durante todo o show... Isso foi um fato bem curioso... hehe... Fora isso, não consigo lembrar mais nada especial agora. (N.D.E.: O Flyer CWB estava lá e confirma tal fato).

Dyna: Com Os Catalépticos você viajou para quais países?
Coxinha: Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Holanda, França, Espanha e Estados Unidos.

Dyna: Vocês ficavam em squats?
Coxinha: Não, nunca ficamos em squats, já fomos em alguns, e tocamos uma vez num lugar que não eram bem um squat, mas lembrava muito em alguns aspectos, era um lugar meio comunitário na Holanda, com sala para bandas ensaiarem e acho que até gravar, computadores com internet, cozinha e refeitório, bar, com cerveja vendida a preço de custo, trabalho voluntário... Esse foi realmente um lugar especial que tocamos. Mas nunca chegamos a realmente tocar ou ficar em um squat.

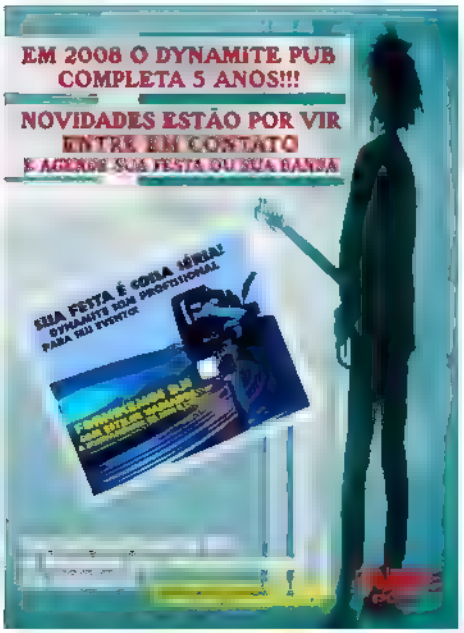
Dyna: Como é a cena underground desses lugares?
Coxinha: É muito ativa, e há muito tempo, eles são muito mais organizados, eu acho. Também, têm muito mais estrutura lá, isso nem se discute, lá é mais possível realizar muitas coisas que aqui sempre são dificuldades pela falta de dinheiro. Como fazer uma turnê de uma banda "gringa" aqui, por exemplo. Lá é muito mais fácil de se pagar os custos e músicos com uma turnê, aqui já fica bem mais difícil, não é impossível, mas é complicado. É impressionante ver a cena de outros lugares... Na Europa, o Psychobilly, por exemplo, é muito maior e mais antigo, muito mais tradicional. Existem vários festivais pelo continente todo, o ano todo, uma cena bem forte com público que está sempre comparecendo nos shows, nesse aspecto é bem diferente, muito maior, mas por outro lado, é um povo um pouco mais "frio" mesmo na cena roqueira, aqui o povo é muito mais "quente", isso muda bastante também.

Dyna: E a cena curitibana como você vê? O que acha que está faltando para nossas bandas decolarem?
Coxinha: Nossa cena tem muita banda boa, só acho que talvez falte um pouco mais de união, a cena é muito separada. E talvez também se o pessoal levasse a música um pouco mais a sério, não só como um "hobby", ser mais profissional, ajudaria muito as bandas. Se levar a sério, praticar o instrumento, desenvolver músicas próprias, tocar bastante (o palco é muito importante, acho que é a melhor maneira de uma banda melhorar, quanto mais, me-lhor!), gravar, viajar, distribuir o material da banda... Ou seja, realmente trabalhar, aí dá certo! Mas claro como tudo nessa vida, pra ser bem feito, têm que ser feito com gosto, se não, não fica bom mesmo! Isso acho que é o mais importante de tudo!

Dyna: Qual a sua posição política?
Coxinha: Sou totalmente apolítico! Nunca gostei. Ainda mais aqui no Brasil, só de pensar em política dá nojo... Acho que o maior problema que temos nesse país é a corrupção, não só na política, mas em todo caso. Pois se não fosse por isso, se todos fizessem a sua parte sem prejudicar os outros poderíamos ser uma das maiores potências desse mundo! Mas infelizmente o país está é cheio de "malandro" pra todo lado tentando se dar bem a qualquer custo, passando por cima de quem for. Assim, nunca iremos pra frente mesmo! Acho que essa é a grande diferença do terceiro pro primeiro mundo, lá é claro que também tem corrupção, mas acho que deve ser mil vezes menor, as pessoas são muito mais conscientizadas a fazer a sua parte sem prejudicar os outros, eu acho.

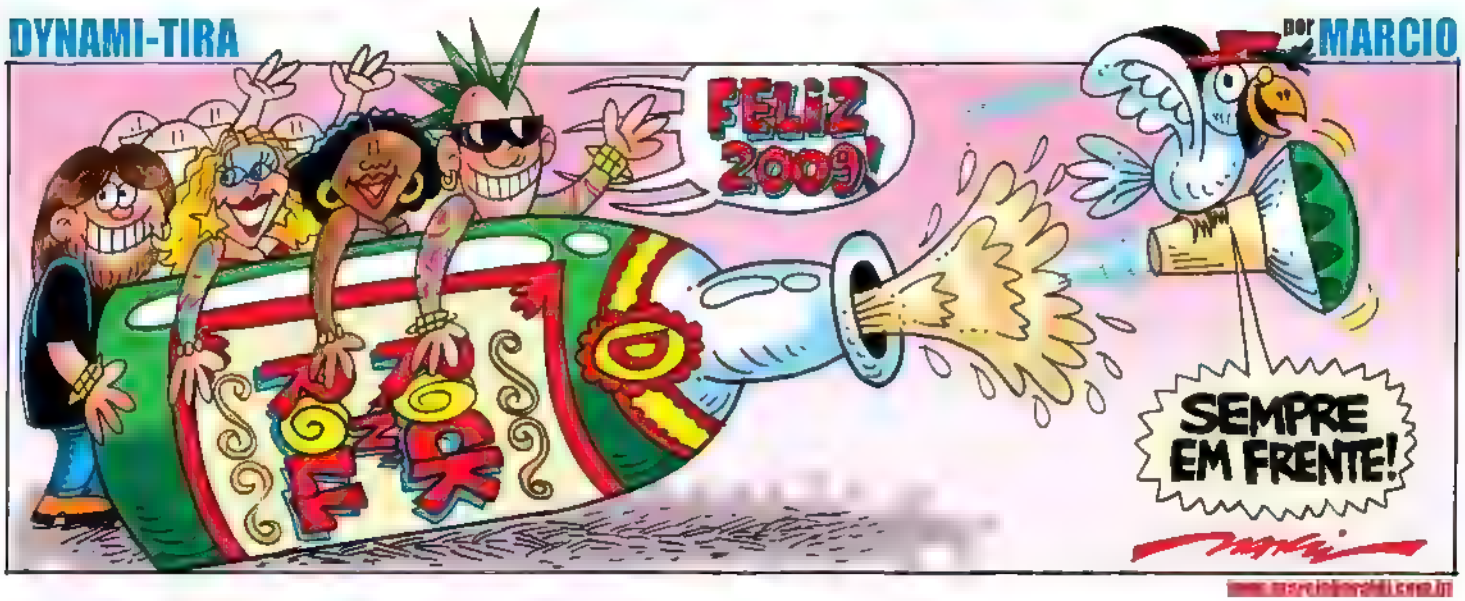
Dyna: Como foi o lance de ir tocar com o Frantic Flintstones?
Coxinha: Está sendo muito legal! Como já falei, sempre foi uma de minhas bandas favoritas desde moleque, então pra mim é uma grande honra e satisfação estar tocando na banda! Mas enfim, depois que eles vieram pra cá pela primeira vez, no 13º Psychobilly Fest, em 2007, que eu conheci melhor o Chuck e a banda. Dei uma força pra eles no show daqui, então alguns meses depois, fiquei sabendo que eles estavam sem guitarrista, e uma amiga de Londrina, que tinha começado a namorar com o Chuck desde a turnê Brasileira, me indicou pra eles, e eu também me ofereci pra fazer a guitarra. Eles se interessaram muito, só que o problema mudou da guitarra, para o baixo, que pra mim era melhor ainda, pois ultimamente tenho tocado mais o baixo acústico do que a guitarra, então eles me chamaram para tocar o baixão, gravar o disco novo e começar uma turnê na Europa, que nós fizemos entre Fevereiro e Abril deste ano com vários shows pela Alemanha, 1 na Áustria e 1 na Holanda. Ainda era pra estar lá até agora, e ter tocado também na Inglaterra, República Tcheca, Espanha (no maior festival de Psychobilly do mundo, o Psychobilly Meeting), só que aconteceram alguns imprevistos, 2 membros da banda saíram (bateria e guitarra), então como o Chuck já estava certo de vir morar aqui em Curitiba, decidimos continuar a banda aqui mesmo, com a formação que tocamos no carnaval, gravar o disco novo, sair em turnê e tudo mais. Agora estamos preparando o repertório para os shows, e também para o próximo disco, que queremos lançar ainda este ano lá fora e aqui no Brasil também!

grind
10 ANOS
A MELHOR BALADA DE POP ROCK DE SÃO PAULO!
Domingos * 20h30
janeiro.2009
andré pomba


EM 2008 O DYNAMITE PUB COMPLETA 5 ANOS!!!
NOVIDADES ESTÃO POR VIR
ENTRE EM CONTATO
E AGENDE SUA FESTA OU SUA BANDA
SUA FESTA É COISA SÉRIA!
DYNAMITE SOM PROFISSIONAL
PARA SEU EVENTO!

THE MEANING OF LIFE
THE NEW ALBUM FROM
COMING SOON

SUA FESTA É COISA SÉRIA!
DYNAMITE SOM PROFISSIONAL
PARA SEU EVENTO!
FORNECEMOS DJS
COM ESTILOS VARIADOS
& EQUIPAMENTOS DE SOM E LUZ.
DJ Demo
DJ André Pomba
Confira:
(11) 3064.1197
pub@dynamite.com.br


DYNAMI-TIRA
por MARCIO
FELIZ 2009
SEMPRE EM FRENTE!

EARS UP

FIQUE POR DENTRO DOS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DE CDs.

O SITE DA REVISTA (WWW.DYNAMITE.COM.BR) TRAZ MAIS LANÇAMENTOS.

COTAÇÃO:

- (Excelente);
- (Ótimo);
- (Bom);
- (Regular);
- (Fraco)

ETÍLICOS E SEDENTOS – Etílicos e Sedentos

Muito bom o trabalho desta banda catarinense. As letras inteligentes remetem ao estilo de Raul Seixas sem compromisso com uma ideologia, mas contra tudo e contra todos. Destaque para "Farra do Boi", que conta a imbecilidade de uma farra de mau gosto, e "Vagalume Gigante", que se aprofunda num pensamento mais filosófico do viver através da presença de um vagalume que entra no escuro do quarto de alguém como um disco voador e o leva a fazer várias reflexões. No instrumental a banda incrementa seu ritmo blues/rock'n'roll com flauta doce e gaita. (GA)

PAIN – Cynic Paradise

E ao que tudo indica o projeto de Peter Tägtgren, vocalista do Hypocrisy, ganhou muito mais do que vida e acabou por crescer mais que sua banda principal. E olha que o Hypocrisy já tem um enorme tempo de estrada e um nome muito grande na cena death metal. Realmente, ninguém pode tirar os méritos de Peter, que soube fazer o que queria, uma ótima carreira adentro da cena industrial. "Cynic Paradise" vem a ser o sexto álbum do Pain, onde músicas prendem a atenção por si só, caso das ótimas "Follow Me", "Reach Out (And Regret)", "Generation X", "Live Fast - Die Young" e "Feed Us", com seus belos vocais femininos nos refrões, além de "I'm Going In", que abre muito bem o disco. Também há flertes com o hard rock em "Have A Drink On Me", lembrando bandas como Nine Inch Nails e por aí vai. No CD 2, que vem de bônus, temos alguns remixes das músicas "Clouds Of Ecstasy" e "No One Knows", versão alternativa para "Follow Me", além de covers de "Behind The Wheel", do Depeche Mode, e "Here Is The News", do Electric Light Orchestra. (RKR)

GENERAL TEQUILA – Quanto Tempo Faz

Profissa. Os garotos da cidade de Santos podem ser considerados profissionais, mesmo com letras melodramáticas que lembram as baladinhas da novela Malhação, e pelo que parece sem a pretensão de ser algo hard ou rock'n'roll, pois não contesta o establishment ou cria nova textura musical. As letras são sentimentais demais, mas não deixa de ser um trabalho de bom nível. Conseguiram expressar os sentimentos de garotos apaixonados. O CD lembra a pegada da conhecida banda J Quest e vale atenção especial ao excelente nível do vocalista Cássio, que mostra maturidade para expressar a melodia de cada música com harmonia e ritmo. Mesmo sem criar ou inventar novidades, o trabalho da banda General Tequila vale pelo equilíbrio do conjunto da obra. "Quanto Tempo Faz" certamente atende à linguagem e gosto musical pop dos adolescentes da geração anos 2000, e é questão de tempo para se popularizar e ser descoberto por uma gravadora de peso. (GA)

GUNS N' ROSES – Chinese Democracy

Muita confusão e muitos boatos rondaram este tão aguardado CD. Muita gente ainda diz que trata-se de um álbum solo de Axl Rose. Entretanto, "Chinese Democracy" é um grande e inovador álbum de rock, se levarmos em conta, é claro, o que tem sido produzido nas últimas décadas. A primeira faixa do CD, também intitulada de "Chinese Democracy", anuncia o novo estilo de uma banda que agora flerta com o rock pesado e o rock industrial. Uma longa e soturna introdução é interrompida por um berro gutural de Axl Rose, que mostra estar em sua melhor forma vocal. Sem refrão, a canção é pesada e direta na crítica ao sistema político chinês. Clichê, mas funciona. A porrada sonora continua com a ótima "Shackler's Revenge". "Better" é um pop disfarçado de música pesada e não se encaixa no álbum. "Street of Dreams" é uma ótima balada, cujo solo de guitarra lembra o estilo de Slash. "If The World" chega a ser bizarra. Um funk rock com pitadas de r&b. "There Was A Time", uma semi-balada, seria a escolha perfeita para um single e videoclipe. "Catcher In The Rye" é a melhor balada do disco. "Scraped" é a última porrada sonora. "Riad N The Bedouins" é boa, tem swingue e deve agitar muito ao vivo. O ponto fraco do álbum fica por conta de "This I Love", que mais soa como a trilha sonora de um desenho ruim da Disney. "Sorry" já é uma faixa controversa e muitos dizem que é uma crítica direta aos ex-gunners. "I.R.S." "Madagascar" (uma pseudo-continuação de "Civil War", com discursos de Martin Luther King) e "Prostitute" (espetacular composição da banda) fecham a obra-prima de Axl Rose e deixam os fãs ansiosos pelo que o futuro trará. (PLQ)

MONAURAL - Expurgo

O som do Monaural é agressivo e pesado, ora acelerado ora mais lento e passo. Lembra muito a gloriosa geração grunge (notadamente Alice In Chains e Soundgarden) sendo que o grupo - atualmente formado pelo guitarrista e vocalista Aluso e pelo baterista Henrik - não faz questão alguma de esconder isso. Poderia soar datado, mas a garra com que a banda desempenha a execução das músicas, os bons vocais de Aluso e as boas letras escritas em português fazem com que o disco de estréia deles mereça ser ouvido. Além disso, a dupla foi esperta e convocou para a produção Clayton Martin e David Rodrigues (baterista do Ecos Falsos), dois dos músicos mais renomados da indie scene paulistana. Tudo isso resulta em ótimas cacetadas, como "Acaba logo com isso", "De nada" ou "Risca do zero" (esta com um baixão gordo e uma guitarra pra lá de esporrenta). Ou seja, pode ir atrás e ouvir na boa. (HF)

QUEEN + PAUL RODGERS - The Cosmos Rock

"Cosmos Rock" traz de volta o Queen (no caso a dupla Brian May e Roger Taylor), ao lado do vocalista Paul Rodgers (ex-Free/Bad Company). Resultado de uma bem sucedida turnê, é plenamente justificado e bem vindo este álbum de inéditas. Mas é óbvio verificar que o Queen sem Freddie Mercury não passa de uma boa banda de hard rock. Falta aquele glamour, o humor, o kitsch, o épico, falta o "algo a mais" que sempre os caracterizou em seu ecletismo. Tanto que o CD se divide rigorosamente em rocks (o melhor é o hit "Celebrity") e baladas (destaque para "Small") sem aquele meio termo característico, exceção feita à bela e simples canção "Call Me", com um feeling bem típico do Queen 70's. (APC)

ASSOCIAÇÃO MR. HARRY HALLER E O SAMBA DO PATINHO FEIO – Estudos Azedos

Trata-se de uma "pesquisa de quase dois anos sobre elementos timbrísticos dentro da música do computador". As 12 faixas dos Estudos Azedos da Associação Mr. Harry Haller e o Samba do Patinho Feio trazem "essa pesquisa de sons" embutidos numa atmosfera densa. Cairia bem na trilha de um vídeo experimental ou peça de teatro pós-moderna. De resto, é bom para ouvir enquanto se joga paciência no computador. Algumas faixas, como "Ridícula" e "Acabou-se o que era doce", podem ser aproveitadas durante aqueles "momentos de meditação" no vaso sanitário. (JAD)

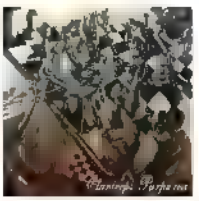
CANDLEMASS – Lúcifer Rising

Este EP do maior nome do doom metal sueco traz três músicas inéditas do grupo. "Lucifer Rising" que além de abrir e dar o nome ao disco mostra uma banda bastante entrosada, e que se não for a melhor é uma delas desta nova formação. "White God" é uma genuína faixa candlemessânica, um doom de verdade assim como "Demons Gate". De quebra também vem um show gravado ao vivo em Atenas em 2007 com o seguinte setlist: "At The Gallows End", "Solitude", "Emperor Of The Void", "Devil Seed", "Mirror Mirror", "Under The Oak", "Of Stars And Smoke", "Black Dwarf", e fechando com "Samarithan". (RKR)

MANTRA YARD – No Mesmo Lugar

O Mantra Yard divide este trabalho entre o punk/hardcore sujo e o "hardcore da moda". Há muita influência do grunge de Kurt Cobain e de sua viúva Courtney Love na primeira parte do CD. A banda dá um recado direto e agressivo aos emos em "Complexo de Emo", aos que não têm nada a dizer em "Toca Raul", e em "Picanha" faz um "viva ao churrasco" e manda os vegetarianos à merda. Tem até "A Saga de Lucas e seu Moicano", que é bem divertida. Mas nas canções inéditas a banda migra do hardcore pesado para o melódico e as letras diretas e o vocal berrado dão lugar a composições à base de violão com letras melosas (dessas que falam de relacionamentos e tem vocal cheio de graças). Perde-se a originalidade e o Mantra Yard fica numa situação constrangedora, tanto que as faixa "Não sei lhe dizer" e "Somente amigos" parecem parodiar canções do NX Zero. (JAD)

CLAVICEPS PURPÚREA – Entre o Arco e o Pote



Quando lhe disserem que uma das melhores bandas de progressivo vem de Brusque, Santa Catarina, por favor, acredite! Com um nome complicado e uma capa enigmática, o quarteto dá uma verdadeira aula de técnica e emoção em seu primeiro trabalho. Gravado no início de 2008, o CD consegue aliar como poucas vezes se viu a essência do rock progressivo com músicos pouco conhecidos, mas com uma técnica notável. É de arrepiar do início grandioso em "Casa da Cura", a sombria "Cordilheira da Noite", passando pela bela e quase valsa "Ira das Máfias". Não é um CD fácil, passa bem longe disso. Mas a Claviceps tem aquele "mojo" que é raro de se ver em bandas novas. No que depender deles, é uma banda pronta para estourar. (LCV)

EMERSON BOY – Antídoto ★★★★★

Emerson Boy. Coloque o nome desse piauiense ao lado de artista como Otto, Lirinha (Cordel do Fogo Encantado) e Zeca Baleiro, essa turma moderna do nordeste que sabe misturar muito bem poesia com vários elementos da música brasileira, resultando sempre num presente para a música nacional. "Antídoto" é produzido e tem todas as letras assinadas pelo próprio, é um trabalho que soa despretensioso do começo ao fim, desde a caribenha "Al gatô", que abre o CD, até o reggae de "Condenado", na qual o instrumental é tão perfeito que garante todas as demais músicas do CD. Em "Pedra Furada" há uma brincadeira no refrão, as palavras "ninguém é de Gui don" contraem-se e viram uma só, "Niengdon". Fica tão divertido ouvir que gruda de tão boa. "Rio de Jah" fala da cidade do Rio de Janeiro num funk de primeira que dá lugar às batidas do pandeiro enquanto a letra fala com tom realista da fumaça que emana da realidade carioca. Tem a vez do forró em "De Assalto" e do regionalismo no maracatu "Cajueiro Abalo" perfeitamente adaptado para o resto do Brasil. O disco finaliza muito bem com a participação dramática de Linha em "Bala". "Antídoto" é o primeiro CD de Emerson Boy, um trabalho que soa moderno sem cair na mesmice da música rotulada mpb. É rico como a cultura nordestina. O Brasil agradece. (JAD)

MEXICANO LOKO – Coletivo ★★★★

Quando uma banda acaba, poucas vezes seus ex-integrantes ficam muito tempo parados. Em muitos casos, projetos e artistas nascem da dissolução e crescem sem medo da sombra de seu passado, seja ele recente ou não. Divagações à parte, Mexicano Loko, que participou de duas extintas bandas de Florianópolis (Maryblack e Imaginários), bebe da melhor fonte do hip hop e rap para lançar um CD com poucas semelhanças com seus projetos anteriores. Um trabalho coeso e cheio de belas participações interessantes (não à toa o CD se chama "Coletivo") como Nb (ex-Maryblack), Hurakán, Orlando com seu trompete envenenado em diversas faixas, e Polaco e Gustavo Boff nas guitarras. Com letras mesclando um pop classudo, mas sem deixar de ser otimista e introspectivo em alguns momentos, Mexicano Loko abre mão das facilidades que o ritmo pode oferecer para fazer com que o ouvinte possa pensar e ao mesmo tempo suingar. Altamente recomendado para quem gosta de black tié, praia e classe musical. (LCV)

THERION – Live Gothic ★★★★

O Therion é uma banda que não perde a oportunidade de gravar seus shows, sempre muito bem produzidos, para posteriormente lançar em DVD. O mesmo fez com este show de promoção de seu último álbum, "Gothic Kabbalah", de 2007, com 21 músicas. Entre elas estão a clássica "To Mega Therion", O cover de "Thor (The Powerhead)" do Manowar, "Nightside Of Eden" e "Scharzaz benheim", mesclandas a novas composições, como "Son Of The Staves Of Time", "Der Mitternachtlöwe" e "The Perennial Sophia", entre outras. Essa uma hora e meia de show se tornou um excelente vídeo para os fãs da banda e, de quebra, "Live Gothic" vem acompanhado de um CD duplo contendo o mesmo show. (RKR)

OS BERBIGÃO – Vento ★★★

Boas bandas começam com belos cartões de visitas. Não seria diferente no caso dos Berbigão, que lançaram seu segundo trabalho, bem mais complexo e voltado mais para um indie rock do que o rock básico bem humorado com blues rasgados do primeiro CD. "Tanto Tempo" é isso, uma faixa com pegada indie rock britânico e com uma letra bem no estilo "declaração apaixonada de amor". Um belo começo. "Vou trazer a chuva" mostra mais claramente a evolução da banda no quesito letra e também no vocal, mais econômico. A produção do experiente Renato Pimentel deu um direcionamento mais adulto e mais seguro à banda. Com toda certeza vemos aqui um quarteto que, mesmo com a saída de seu ex e excelente guitarrista, soube se manter bem acima da média. O quarteto catarinense ainda está longe de seu auge, mas está chegando lá. Destaque para a faixa que dá nome ao CD, "Vento". (LCV)

CHUMBO GROSSO – Nada pra Você ★★★★

O caso clássico de que às vezes a primeira impressão não é a que fica. Na primeira faixa do CD, "Recomeçar", a banda Chumbo Grosso não começa com toda a força que tem, o que é interessante. Da segunda faixa em diante é um recomeço mesmo, outra história. "Combustível" é o verdadeiro início do disco, uma faixa mais digna para um quarteto stoner. O vocal urgente e rascante, aquela pegada à Black Sabbath e um timão pegando no ataque. Pronto, começou o CD. "Só um louco entende o outro" e de uma ironia pura, pois como tentar explicar em meio ao caos sonoro? Chumbo Grosso promete o que deixa explícito em seu nome: peso. Os únicos deméritos da banda são dois: a primeira faixa e a arte do encarte. De resto é pancadaria pura. (LCV)

MUSICBOX SUPERHERO – The Scars Collection ★★★★

A banda catarinense navega na difícil praia do post hardcore, que muitos incautos confundem erroneamente com hardcore, hardcore melódico ou mesmo a fatídica onda emocore. Não parece, mas entre esses "movimentos musicais" existem diferenças enormes. Formado por Mar, Johnny, Vitor, Gui e Rafa, o quinteto já tinha lançado há dois anos um EP por um selo paulistano, mas nesse trabalho nota-se a evolução da banda como um todo, principalmente no quesito inovação em algumas músicas, ao mesmo tempo conseguindo manter-se fiel às raízes do gênero, com músicas cantadas e ao mesmo tempo berradas, mas com uma bela sonoridade embalando as vozes que se degladiam na maioria das faixas. Não dá para dizer que para quem não está costumado seja totalmente bacana. Mas depois de um tempo, o ouvinte (aquele incauto do início) nota que há um contraponto entre as vozes. Se uma traz uma voz mais de acordo com o andamento, sendo esta mais lenta, a outra faz a parte furiosa. Parece uma fórmula repetida em quase todas as bandas desse tipo, mas é imperioso observar que desde a bateria incansável de Vitor, que sabe exatamente a hora de descer a lenha e o momento de aliviar até as guitarras que estão acima da média, com acordes bastante harmônicos, a banda vem conseguindo se manter numa crescente musical. Destaques para "Dead Poem", "Some Kind Of Mistake" e "Aurora". (LCV)

ALIADOS – Amplificado ★★

O segundo álbum do quarteto carioca Aliados mostra que o rock mainstream brasileiro está no mesmo processo de derrocada em que se encontram as grandes gravadoras. Tudo soa amorfo e inofensivo no som da banda, apesar das guitarrinhas mezzo aceleradas e das melodias rápidas (mas nem sempre) e radiofônicas. Não há diferença em ouvir "Direto ao assunto", que abre o disco, ou "O medo do fim", que fecha o mesmo, o vocal insosso canta "pérolas" como "Medo do fim/Não faz mais efeito em mim/Prazer de recomeçar/Paira sobre um clima sublime/Que está pelo ar". Ou seja, o rock nacional dito "mainstream" já fez beeeem mais que isso. Agora está à deriva e os Aliados também estão. Infelizmente. (HF)

FÓSSIL – Insônia ★★★

Fala-se muito, hoje, na música do trio instrumental cuiabano Macaco Bong. Pois está mais do que na hora de se prestar atenção também no quarteto cearense Fóssil, um dos grandes nomes da indie scene nacional e que já há alguns anos mostra seu som pesado e instrumental em diversos festivais pelo Brasil afora. Pois o Fóssil finalmente conseguiu editar seu primeiro álbum, e "Insônia" oferece longos temas instrumentais (como "Algia", "Desperto" ou "Hipoterma"), onde o barulho é entrecortado por silêncios e o noise das guitarras faz todo sentido dentro da construção melódica de cada tema. Não é fácil conseguir fazer boa música instrumental, ainda mais quando se trata de rock'n'roll. Pois o Fossil consegue isso. E muito bem. (HF)

HELLSAKURA E KAMISORI – Split CD ★★

Cherry, que já foi do Okotô e que também toca no trio riot girrrl paulistano Hats, é uma batalhadora emérita da cena indie de Sampa. Neste split CD ela se apresenta à frente de seu outro grupo, o Hellsakura, que divide o disquinho com o Kamisori. E não há refresco aqui. 16 cacetadas rápidas e barulhentas, nada recomendáveis para ouvidos sensíveis. Mas pra quem gosta de porrada no limite entre o metal e o hardcore, é um prato cheio. (HF)

THE BIGGS – The Roll Call ★★★

Já um veterano da cena indie de Sampa, o trio riot girrrl Biggs também só chega agora ao seu primeiro álbum completo (após lançar vários EPs e compactos). E os anos de estrada mostram que Flávia, Maira e Brown Bigs continuam fazendo ótimo rock básico e, o que é melhor, sem abandonar a verve político/social e contestadora que sempre norteou o trabalho do grupo. "Bullet Proof Jacket", "Thats Enough" ou "I Need More", não importa, os recados são curtos e grossos e funcionam muito bem. (HF)

PLUS SALVATION – Mudou minha vida ★★

É quem disse que as bandas de rock "evangélicas" não são boas? Pois esse Plus Salvation entrega guitarras rápidas, melodias redondas e aceleradas e boa base rítmica. O problema, claaaaro, são as letras sacais, exaltando as virtudes de uma vida correta e religiosa, o louvor a Jesus e todos esses papos que fazem crentes em geral serem os malas que são. Mas se você deixar o preconceito de lado, vai ouvir algumas boas passagens instrumentais no CD. E só isso também. (HF)

BELLE & SEBASTIAN – "BBC Sessions" (Rough Trade) 🎸🎸🎸🎸

Se os últimos álbuns de estúdio da banda, como a trilha feita para o filme "Storytelling" (lançado em 2002), "Dear Catastrophe Waitress" (editado em 2003 e que eu gosto bastante, vale dizer) e "The Life Pursuit" (que saiu em 2006), estão longe de mostrar a grandeza inicial do B&S, este "BBC Sessions", ao contrário, só reafirma esta grandeza. Sim, óbvio, o disco recolhe material registrado pelo grupo durante algumas sessões do lendário programa do DJ John Peel na Radio One inglesa, entre 1996 e 2001. Mas é maravilhoso ouvir novamente, através destas sessões, a candura de uma canção como "The State I Am In". Ou então recordar o power pop dançante de "Like Dylan In The Movies". Ou ainda sonhar com o amor perfeito e definitivo, ouvindo "Judy And The Dream Of Horses" (que, além dos violões preciosos, possui um imaculado arranjo de flauta e solo de sopros). E, sim, tem a lindíssima e triste "Lazy Jane", em versão ainda mais intimista do que a registrada na gravação oficial de estúdio. "Wrong Love" também está lá, e surge com seus violões e clarinetes para nos lembrar o quanto é inspirador uma noite fria e chuvosa, onde você pode estar sozinho (mas não só), tomando um vinho tinto e pensando em quem você ama. E "Nothing In The Silence" captura toda a delicadeza do conjunto através, ainda, do vocal de Isobel Campbell. É de arrancar lágrimas dos olhos. (HF)

VAMPIROS & PIRATAS – "Vampiros & Piratas" (Independente) 🎸🎸🎸

Formado pelo vocalista Nico Graves, pelo guitarrista Jax Molina, pela baixista Camila Brandão, pelo tecladista Cláudio Guidugli e pelo baterista Arthur Schreiber, todos músicos rodados na indie scene de Sampalândia, o V&P encabeça uma nova onda glam na cidade – uma onda que conta também com outros nomes na ativa, como o grupo Bastardz, que lançou há pouco um CD que exala hard e glitter rock por todos os seus sulcos. Mas o V&P, que também faz circular por aí seu primeiro álbum, homônimo, chama a atenção pela simplicidade e potência de suas canções, que falam do submundo habitado por putas, viciados, marginalizados e deserdados sociais de toda ordem. Não é à toa que a faixa que dá nome ao conjunto já brada em tom feroz: "Vampiros, piratas, junkies de plantão/Garotas depressivas, perdedores da nação/Mendigos, travecos, a puta, o cafetão/A escória é uma raça, somos todos meio-irmãos". As melodias são turbinadas por guitarras velozes e uma cover bizarra para "Doce Vampiro" (aquela mesma, da velha "tia" Rita Lee) mostra que bandas como o Vampiros & Piratas estão prontas para estabelecer um bem vindo revival glam rocker, em uma metrópole que já é, ela própria, glam à beça. (HF)

PRO-PAIN - No End In Sight 🎸🎸🎸

O Pro-Pain já está por aí há mais de 15 anos. Este é o 11º álbum do grupo. Uma das principais bandas underground americanas a misturar o punk hardcore com o speed metal, eles mantêm o estilo "old-school", o que na minha opinião é bárbaro. Apesar de mais melódico, este CD mantém a agressividade que eles sempre tiveram. Ou seja, continuam sendo uma trilha sonora perfeita para uma roda de mosh ao vivo. O material não esbanja originalidade (talvez por isso a banda não seja tão famosa), mas é de grande qualidade (por isso eles estão por aí há tanto tempo), e vale a pena ser conferido. Este CD conta com alguns convidados especiais, a saber: Stephan Weidner (Bohse Onkelz, Germany), Rob Barrett (Cannibal Corpse), Rupert Klepinger (Ubergras, Der-W) e Corey e Gary Meskil Jr, estes últimos familiares do fundador e líder da banda, o baixista e vocalista Gary Meskil. (MM)

CAT POWER – "Dark End Of The Street" 🎸🎸🎸🎸

Essa mulher é uma deusa em todos os sentidos e isso não se discute: linda, louca, uma das melhores cantoras e compositoras da indie scene americana há pelo menos uma década e meia. Pois não contente em lançar o sensacional "Jukebox" no início de 2008 (no qual fazia covers desconstrutivistas e classudas para canções de Bob Dylan, James Brown e Joni Mitchell, entre outros), Cat Power ainda encerra 2008 com este estupendo EP com mais seis releituras fodásticas de gente que influenciou sua carreira musical. Ok, covers novamente, irão reclamar muitos. Mas Cat imprime uma marca tão pessoal em canções como em "Auld Triangle (dos Pogues, vejam só!) ou "It Ain't Fair" (de outra deusa, Aretha Franklin), que fica difícil falar algo contra o disco. Ainda mais que todo o EP é revestido por uma musicalidade simples e ao mesmo tempo suntuosa e muito bem cuidada. Cat Power, Cat Power... Se todas as cantoras do mundo fossem iguais a você... (HF)

KIM KEHL – "Mambo Jambo" 🎸🎸🎸

Kim é velho nome do blues made in São Paulo. Cantou no grupo Misto Quente há mais de duas décadas e também esteve nos grupos Kafka e Abrão & Os Lincolns. Agora resolveu soltar seu primeiro disco solo (ao lado do grupo Os Kurandeiros) e, nele, o que manda são os blues rasgados e eletrificados, como manda a tradição do gênero. Neste sentido, faixas como "Cocada Preta", "O Jogador" e "Os brutos também amam" são perfeitas para embalar rodas de violão em torno de uma fogueira, seja na praia ou no meio do mato. Coisa fina. (HF)

BOCATO – "Hidrogênio" 🎸🎸🎸🎸

Gênio maior da música instrumental paulistana nos últimos anos, o trombonista, maestro e arranjador Bocato andava meio ausente das gravações, se concentrando apenas em tocar ao vivo em bares e casas noturnas, além de participar nas gravações de outros artistas. Pois este "Hidrogênio" vem reparar essa lacuna e mostra que Bocato continua um músico de primeira grandeza. São apenas cinco grandes temas instrumentais. Mas uma música como "Espírito da Floresta" exibe toda a versatilidade e capacidade de burilar arranjos de um sujeito cujos anos de estrada não corroeram sua genialidade. (HF)

WELLINGTON WELLA – "Wella.Som" 🎸🎸🎸

Professor de curso universitário em Curitiba, Wella (como é carinhosamente chamado pelos amigos) sempre teve pendores musicais e grande apreço pela mpb tradicional. Pois ele resolveu criar coragem e lançou, através do selo paulistano Baratos Afins, este "Wella.Som", onde, ao lado da esposa e também (boa) cantora Luciana Worms, exibe seus dotes que permitem que tenhamos bons momentos ao ouvir canções como "É mentira", "Casa" ou "Presente". O casal divide os vocais e a instrumentação do álbum, e mostra que a boa música popular brasileira está longe de ter sua tradição encerrada. (HF)

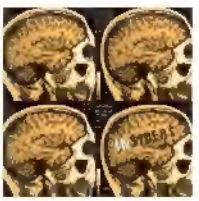
DARK FUNERAL - Attera Orbis Terrarum DVD - Part II 🎸🎸🎸🎸

Esta é a prometida "continuação" do DVD "Attera Orbis Terrarum - Part I", lançado no ano passado. Assim como seu antecessor, "Attera Orbis Terrarum - Part II" é um DVD duplo, tem livrinho cheio de fotos, e o que não falta é material, desta vez (a grande maioria) filmado na América Latina. No primeiro disco está o show completo filmado em Buenos Aires em 2006 (14 músicas, 65 minutos) e mais 36 minutos de material bônus, que cobre filmagens amadoras feitas nos shows pela América do Norte entre 1997 e 2007 (sete nos Estados Unidos e um no Canadá). O segundo disco traz o show de São Paulo, também em 2006 (15 músicas, 67 minutos), o trailer do DVD anterior ("Attera Orbis Terrarum - Part I") e mais 26 minutos de material bônus, que cobre filmagens amadoras feitas nos shows na América Latina entre 2003 e 2006 (um no Chile, um no México, um na Guatemala e dois no Brasil - Porto Alegre e Campinas/SP - pena que eles escreveram "Porto Alegro" ao invés de "Porto Alegre". Alguém não fez a lição de casa). As filmagens amadoras são filmes de fãs e coisas do arquivo pessoal da banda, mas a parte "oficial", mais uma vez, é de categoria. O show argentino foi filmado com cinco câmeras e o brasileiro com seis, tudo muito profissional. Mais uma vez, senti falta de cenas de bastidores e entrevistas, mas talvez agora eles lancem alguma coisa nesse sentido, quem sabe (na última vez, previ o show brasileiro neste DVD. Talvez eu acerte de novo). (MM)

SLANK - Anthem For The Broken Hearted 🎸🎸🎸

Este é o primeiro CD em inglês do Slank, muito embora sejam muito famosos na Indonésia (seu país de origem), onde já venderam mais de 15 milhões de discos. O som deles é super variado - pode ser considerado ora rock pop, ora pop com uma pegada rock. O material é de boa qualidade, muito embora a banda não traga nada de novo em termos de originalidade. Tendo dito isto, as músicas são bem tocadas, comerciais o suficiente para as rádios e algumas delas "agitadas" o suficiente para animar um show. O maior valor da banda vem do fato deles serem altamente politizados, usando sua música para promover o que chamam de "P.L.U.R." ("Peace, Love, Unity, Respect" - paz, amor, unidade, respeito), o respeito sendo pelas várias comunidades (religiosas, étnicas e econômicas) do mundo. Um exemplo: o título do CD (que significa "hino para os de coração partido") não tem nada a ver com amor, mas fala do povo da Indonésia, vítima de injustiça e corrupção (soa familiar?). O CD foi gravado na Califórnia e produzido por ninguém menos que Blues Saraceno. Segundo o baterista Bimbim, a decisão de gravar em inglês é porque: "Acreditamos que a música pode mudar o mundo e em inglês podemos conseguir uma atenção maior". Confira o som deles em myspace.com/slank. (MM)

INSIDERS - Insiders 🎸🎸🎸🎸



Foi-se o tempo em que logo na primeira faixa a banda mostrava a que vinha. Aqui, com toda certeza não foi o caso. Uma letra horrível com trocadilhos infames e uma levada rocker comum. Daí vem a segunda faixa, outro exemplo de como não fazer letras comuns e pseudo-engraçadinhas. Mas são 11 faixas. Não é possível que não venha algo de bom por aí! Sim, vem uma letra praieira e um rock metido a Barão Vermelho dos anos 80, mas sem a inspiração de Cazuza. O pior (ou melhor) é que se vê uma bela produção, boas músicas (mas não letras) e uma turma empolgada. Mas não só de empolgação se faz um CD se até a sexta faixa do disco a banda não consegue salvar o trabalho inteiro. (LCV)

COLDPLAY ACUSADO DE PLÁGIO OUTRA VEZ

A monótona banda inglesa Coldplay, que faz tudo para ser o U2 do século XXI, mais uma vez é acusada de plágio. De cara, levando-se em conta a inconsistência musical e a falta de pegada do grupo, a notícia justifica a reflexão. Mas, após uma simples audição e comparação das músicas, a certeza é quase absoluta. Vamos à história. Primeiro, em junho de 2008, foi a gritaria de Andrew Hoepfner, vocalista da banda americana Creaky Boards. Em carta aberta à imprensa, ele disse que Chris Martin, vocalista e compositor do Coldplay, "se inspirou demais" na faixa "The Songs I Didn't Write" para escrever seu colossal recente single, "Viva La Vida". Ele acusou o inglês de ter visto uma apresentação de seu grupo em outubro de 2007 em NYC. O próprio Andrew enfatizou que as faixas são idênticas: "chatas, planas e feitas para emocionar adolescentes em épocas de coração partido". Bom, lerdeza e melancolia são as marcas registradas do Coldplay, que, como 80% do rock de hoje, é feito para embalar um mercado musical que se pauta, e se nutre, de formas bacaninhas que se repetem pela mesmice e são de fácil mastigação. Como eu sempre me pergunto, cadê o real rock? Aquele dos mods, dos punks, da psicodelia, da pesquisa, do grito, do flower power e da boa música, ou da ruim, mas com alma. Até as bandas bacanas do brit rock dos anos 90 foram medianas. Hoje, sim, temos os super legais Racounters e White Stripes, do genial Jack White, e mais... Mais o quê? Ah sim, talvez o Arctic Monkeys e Kaiser Chiefs.

Mas voltando ao plágio, a linha vocal quase idêntica e as notas similares dão força ao argumento do Creaky Boards. Já o candidato a clone de Bono, Chris Martin, através de um porta-voz, negou qualquer inspiração dos ingleses, dizendo, inclusive, que a faixa foi gravada e finalizada em março de 2007. Ele também disse que Chris não estava no show da banda americana em Nova York. Estaria gravando nos estúdios Air Studios, em Londres. Sinceramente, ouvindo e comparando, sou mais o Andrew. Compare os vídeos. Pra mim o melhor seria encaixotar as duas bandas e enviar para a estação orbital e jogá-las no espaço. E, pra assar ainda mais a batata do Coldplay, no último dia 05 de dezembro, foi a vez do incontestável e talentoso guitarrista americano Joe Satriani acusar o Coldplay de plágio. Ele informou com todas as notas e letras que a mesma música, "Viva La Vida", do último CD da banda britânica, copiou trechos de sua canção "If I Could Fly". Segundo o conceituado site inglês NME, Satriani disse que o Coldplay usou "substanciais porções originais" de sua música, que saiu no disco "Is There Love In Space?", de 2004. Em razão disso, ele quer receber todos os lucros obtidos pela banda britânica com a canção. Sabemos que acusações de plágio rolam por aí desde que se inventou o fonógrafo. Lembra-se de Jorge Ben Jor acusando Rod Stewart de ter plagiado a canção "Taj Mahal"?

Não se espera que os fãs do Colplay dêem muita relevância ao fato, afinal, eles gostam de Coldplay e grupos afins. Da mesma forma, não se pode esperar que uma banda fraca e com um repertório idem, que em seu mais recente disco tentou descaradamente imitar o já cansado U2, tenha a postura e a importância para a história do rock como, por exemplo, só pra ficar em um nome, que o fenomenal e muito vivo The Who tem. Só um argumento pra sustentar isso: quantos grupos foram influenciados pelo Who? Quantos serão pelo Coldplay? Tenho três CD's do Coldpaly por dever de ofício. E nenhum deles me emocionou, salvo uma ou duas canções. O que, convenhamos, é irrelevante para três discos. Ouço, vejo e cheiro, mas não sinto um rock consistente, energético ou de personalidade no Coldplay. O que percebo é um amontoado de músicas fracas e sem força. Acredito no plágio pelo que ouvi, principalmente, e pela discutível qualidade do Coldplay, mais um produto do pacote do fraco rock que se faz hoje. Apesar de ser uma tremenda picaretagem, duvido que os seguidores do "novo rock" vão ligar. Simplesmente, porque referências ruins acabam minando a reflexão, a criatividade, o bom senso e analise crítica das pessoas. No fim, tudo é pautado por baixo.

EXPEDIENTE

Dynamite # 102
Novembro 2008 / Dezembro 2009

Publisher e jornalista responsável:
André "Pomba" Cagni – Mtb: 34553
(pomba@dynamite.com.br)

Diagramação:
Rodrigo "Khall" Ramos (khall@dynamite.com.br)
Arte de capa: Cayrê Abuassali
Fotos da capa: Divulgação

Representação Comercial:
Haníton Scofield (hanilton@dynamite.com.br)

Redação:
Estagiários:
Bruno Silva (brunosilva@dynamite.com.br) e
Bruno Palma Fernandes (bruno@dynamite.com.br)

Administrativo:
Alexandre Carvalho (alexandre@dynamite.com.br)

Relações Públicas:
Lilian Vituzzo (lilian@dynamite.com.br)

Webmaster:
Daniel Zsigmond (daniel@dynamite.com.br)

Colaboraram nesta edição:
Alexandre Carvalho Pereira, André "Pomba" Cagni, André "Pomba" Cagni, Bruno Palma Fernandes, Bruno Silva, Catarina Siqueira, Cayrê Abuassali, Cristiane Gavazzi, David Peixoto, Denilson Santos, Elaine Orio, Fernando Carpaneda, GA, Haníton Scofield, Helena N., Herik Correia, Humberto Finatti, JAD, Kassa Vampiro, Kenny Lopes, Leandro Anhelli, Leandro Gavazzi, Lucia St. Cruz, Magda Martins, Maíra Hirose, Micki Mihich, Pablo Lopes Queiroz, Ricardo Rizzo, Rodrigo "Khall" Ramos, Rodrigo de Araújo, Saulo Wanderley, Stephan Solon.

Correspondentes:
Paraná:
Herik Correia Rocha (herikhc@dynamite.com.br)

Rio de Janeiro:
Guilherme Sorgine (sorgine_255@hotmail.com)

Santa Catarina:
Luciano Santos (luciano@dynamite.com.br)

Internacionais:
New York: Micki Mihich (micki@dynamite.com.br)
Los Angeles: Silvia Mendes (scmendes2002@yahoo.com)

Redação / Publicidade:
Fone/Fax: (11) 3064-1197
Rua dos Pinheiros, 730 – sala 1 - CEP: 05422-001
Pinheiros - São Paulo/SP

DYNAMITE é uma publicação sem fins lucrativos aberta a qualquer tipo de colaboração não remunerada em qualquer forma de expressão. Envie e-mail para dynamite@dynamite.com.br ou xerox dos seus textos/trabalhos/ensaios para a Caixa Postal 11253 - CEP: 05422-970 - SP/SP, com seu endereço e fone para contato. Caso seu material seja aprovado, entraremos em contato. A opinião dos nossos colaboradores não representa necessariamente a opinião da revista. A cópia ou reprodução total ou parcial das fotos e matérias aqui contidas é permitida, desde que citada a fonte e a autoria.

DYNAMITE é uma publicação da ASSOCIAÇÃO CULTURAL DYNAMITE, CNPJ 07.157.970/0001-44

BANCA DE QUADRINHOS

O PROGRAMA DE QUADRINHOS E CULTURA POP MAIS AGITADO DA TV BRASILEIRA!!!

- Entrevistas
- Resenhas
- Cobertura de eventos
- Matérias exclusivas
- Tudo com descontração e bom-humor,feito pela equipe mais xarope do Brasil!

Apresentação:
DAIANE CREPALDE

Redatores/ Colunistas:
CADU NOVAES
RODRIGO FEBRÔNIO
CRIS SAYURI
GABI FRANCO
MARCIO BARALDI

Produção:
LUIZA XAVIER

canal da São Paulo

TODA 4ª FEIRA AS 20H30 NO CANAL DE SÃO PAULO (canal 18 na TVA)

E na Blue TV (TVA canal 18 no Rio de Janeiro;canal 70 em Curitiba e 75 em Florianópolis)
Ou assista todos os programas anteriores no site:http://bancadequadrinhos.wordpress.com

O PRIMEIRO GAME ROCK'N'ROLL DO BRASIL!

CHEGOU O GAME DO

ROKO-LOKO

PARA

CELULAR!!!

REALIZAÇÃO:

Play Systems

ENVIE UM TORPEDO PARA

49900

COM A PALAVRA "ROKO LOKO" E BAIXE O GAME E WALLPAPERS!

O ROCK BRASILEIRO SAI EM BUSCA DE SUA MEMÓRIA!

www.arquivodorock.com.br

SITE JÁ CONTA COM MAIS DE 600 FONOGRAMAS DIGITALIZADOS

O site do Arquivo do Rock Brasileiro já conta com mais de 600 fonogramas para serem ouvidos, de artistas como o Som Nosso de Cada Dia, Bixo da Seda e muitos outros! Basta clicar na parte de Acervo do site www.arquivodorock.com.br e o internauta terá em seus falantes ou fones a parte mais importante e a própria razão de existir do Arquivo do Rock Brasileiro - a própria música.

O Arquivo do Rock Brasileiro é um projeto criado e mantido pela Associação Cultural Dynamite, com patrocínio da Petrobras, através da Lei delncentivo à Cultura, do Ministério da Cultura e do Governo Federal. Tem como finalidade o resgate e a reunião de gravações musicais, depoimentos, revistas, livros, fotos, objetos, artefatos em geral, relacionados ao universo do Rock produzido no Brasil. A primeira fase do projeto engloba desde os primórdios nos anos 50, passando pelo estouro da Jovem Guarda e da Tropicália nos anos 60, até a maturidade já nos anos 70.

ANOS 70 60 50

ARQUIVO DO ROCK BRASILEIRO

Realização DYNAMITE

Apoio: MIS IMS

Patrocínio PETROBRAS

Ministério da Cultura

BRASIL EM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL